

NOVAS DA GALIZA

— PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇÃO CRÍTICA —



“Precisamos de colectivos desligados das subvenções com que os poderes locais tencionam calar as vozes discordantes com o seu projecto de cidade”

Miguel Doval, presidente do colectivo cidadao *Anacos da Cidade* de Ourense.

PÁGINA 16 |



Galiza continua a emigrar em pleno século XXI

RADIOGRAFIA DO MUNDO DO TRABALHO PERANTE UM NOVO 1º DE MAIO

XIANA ÁRIAS / As Ilhas Canárias, as Baleares, Madrid ou Barcelona som, no ano 2005, o destino de milhares de jovens que fogem da precariedade que lhes oferece o nosso mercado laboral. O êxodo anual é

de cerca de 60.000 pessoas, e nom som contabilizadas neste número as pessoas destinadas polas suas empresas para longínquas explorações petrolíferas ou mineiras.

No total, a Junta calcula que a população galega emigrada é de 1.400.000 habitantes, o que nos coloca nos primeiros postos dos países europeus que ainda sofrem este drama. E, como defendia o nacionalismo galego dos séculos passados, pouco tem a ver esta sangria com o espírito aventureiro do nosso povo. Os contratos precários na Galiza atingem a percentagem de 60%. Do sector naval à siderurgia, das

instalações eléctricas à telefonia, e do sector agro-pecuário e piscatório à construção, a eventualidade, as longas jornadas laborais e os baixos salários som a tônica dominante. E nada disto serve para favorecer a contratação. Polo contrário, em finais do ano 2004 o desemprego aumentou na Galiza em 4.705 pessoas, ao mesmo tempo que se reduzia no conjunto do Estado espanhol. Esta realidade, como já tínhamos

destacado no número anterior, agudiza-se especialmente entre as mulheres, que acedem a contratos a tempo parcial como única opção para conseguirem um emprego, recebendo 26% menos do salário que um homem com idêntico contrato, 34% menos que outra mulher com contrato efectivo e 42% menos que o salário médio. É o pano de fundo da celebração de um novo 1º de Maio. / Pag. 10

Corrupção em Mugia, dois anos depois da catástrofe do Prestige

A Câmara Municipal sente-se à vontade para fazer e desfazer em benefício de amizades e familiares.

CARLOS BARROS / Muito se tem falado desta pequena localidade costeira. Primeiro, como símbolo mediático da maior catástrofe ambiental da história galega, e logo, como exemplo da capacidade do PP para comprar o silêncio de algumas das suas gentes com efémeras ajudas. E o caciquismo continua. Com o Plano Geral de Ordenação Municipal em execução, vam ser construídas em Mugia mais de 900 habitações, entre andares e casas luxuosas. Enquanto a vizinhança desconhecia quem poderia vir a adquirir os imóveis, pessoas muito próximas do autarca, Alberto Blanco, subúberom com antecedência onde comprar os terrenos que mais tarde seriam requalificados.

Tampouco o património parece interessar muito aos políticos locais, que nom se importam de permitir a construção de galpões e prédios de vários andares ao pé de valiosas igrejas românicas, enquanto som recusadas as licenças para os agricultores construírem estábulos ou fossas sépticas. Mas os casos que neste número relatamos parecem só um primeiro capítulo de umha história que poderá vir a desvendar-se completamente nos próximos meses, e que nom obviará os privilegiados beneficiários das grandes obras construídas ao abrigo do Plano Galiza, nem o facto de as ajudas solidárias se terem tornado, para alguns, negócio. / 13

Centros sociais de várias localidades avançam na sua coordenação nacional

Depois de 14 anos de Casa Encantada em Compostela e de 6 de Artábria em Ferrol, a abertura de mais locais sociais impuliona coordenação de âmbito nacional. / 14

E AINDA...



Dramático balanço nos primeiros meses de 2005: mais de cinco mil incêndios desde Janeiro / 04

VIZINHANÇA DE VIGO manifesta-se contra o Plano Geral de Ordenação Municipal (PGOM), apoiado polo PP e o BNG. / 07

O POVO BASCO ridiculariza a Lei de Partidos numhas eleições em que se redistribui de novo o voto nacionalista. / 08

Há que botá-los já, agora, sempre
por Séchu Sende / 2





Há que botá-los já, agora, sempre

SÉCHU SENDE



"PENSAMOS QUE CADA PASSO QUE DAMOS AGORA, MUDA O PORVIR. E NOM. ESQUECEI-VOS. SÓ É POSSÍVEL MUDAR E CONSTRUIR O PRESENTE. NINGUÉM VIRÁ DO PORVIR PARA DAR-NOS UMHA MAO. NENHUMA LUZ VIRÁ ILUMINAR O CAMINHO DESDE O DIA DE AMANHÁ. NADA CHEGARÁ NUNCA DO FUTURO. PORQUE TUDO SUCEDE AGORA. TUDO ESTÁ A MUDAR AGORA. O DIA DA LIBERTAÇOM SEMPRE É HOJE."

1 Porque levamos toda a história aguardando um porvir que nunca chega, hoje estou contra o Futuro. O futuro nom existe, ainda nom existe, já nom existe. Passará o tempo e sempre será presente. Será sempre agora. O futuro é um tempo criado para a esperança, para esperar. E nom podemos viver a esperar. Passarém os dias, passarém os anos, e continuaremos a viver o presente. Nom podemos tocar, ver, sentir nem viver o futuro. O futuro é umha crença, umha ficçom. Pensamos que cada cousa, ideia ou emoçom que mude agora,

mudará o futuro. Pensamos que cada passo que damos agora, muda o porvir. E nom. Esquecei-vos. Só é possível mudar e construir o presente. Ninguém virá do porvir para dar-nos umha ma. Nenhuma luz virá iluminar o caminho desde o dia de amanhã. Nada chegará nunca do futuro. Porque tudo sucede agora. Tudo está a mudar agora. O dia da libertaçom sempre é hoje. Levamos tantos séculos aguardando que demasiada gente se sentou a esperar. Uns continuam a crer na redençom, outros deixárom de acreditar



polo caminho, como se o futuro fosse deus. O futuro é um deus que nom existe e tem os seus próprios sacerdotes. O futuro é o nosso inimigo, seduz-nos como a grande evasom da vida depois da morte. Pensamos que no futuro tudo pode ser melhor, mais livre e justo. Mesmo temos a palavra oxalá, deus o queira. Nenhum deus existe. E porque tudo está a mudar, agora é o momento. Sempre agora. Nom há nada

mais triste que pensar "Algun dia todo mudará, Algun dia..." Porque ninguém di "Algun dia te amarei." Dizemos Amo-te. Estou canso de viver num país de frustraçoms onde as pessoas sofrem aguardando cousas que nom chegam. Que estamos a esperar? Deixemos de aguardar.

2. Porque levamos toda a história aguardando, hoje necessito sonhar. A Galiza é um país de gente que sonha, um povo de

sonhadores e sonhadoras. Levamos séculos sonhando outras Galizas. Somos especia-listas. Nom se pode colonizar o mundo dos sonhos. Podemos sonhar com um manual de instruçoms para sermos livres. Sonhar é um direito e um dever dos cidadaos e cidadás da Terra. Na Galiza já escrevemos milhons de poemas com os nossos sonhos. Parece que a poesia foi historicamente o nosso principal depósito de sonhos. A lite-

O PELOURINHO DAS NOVAS



Se tens algunha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algunha inquietaçom ou mesmo algunha opiniom sobre qualquer artigo aparecido nas NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverão ser originais e nom poderám exceder as trinta linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçoms, como também de resumi-las ou extractá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis.
Endereço: peLOURINHO@NOVASGZ.COM

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL?

Parece ser que o devir das sociedades só se pode encaminhar para umha direçom marcada precisamente pelas necessidades de expansom do capital (crescimento económico) num mercado livre e altamente competitivo. Cumpre salientar, em primeiro lugar, que dar maior protagonismo ao mercado nom é boa ideia, já que só se tem em conta aquilo que tem valor monetário, ficando à margem de toda a consideraçom todo o que nom o tem, incluindo todos os processos ambientais que sustentam a vida. Assim, algo pode ser rentável economicamente mas desastroso ambiental e socialmente. O problema é o seguinte: a natureza nom entende de economia, mas a economia sim que deveria entender de natureza, dado que as sociedades e a própria economia dependem dela.

Em segundo lugar, esse crescimento económico que tanto defendem como "a única via possível", denota tanto o seu grande conhecimento dos planos neoliberais sobre economia como a sua grande ignorância sobre ecologia. Os actuais níveis de consumo da actividade económica de materiais e energia, e a quantidade de resíduos gerados excedem a capacidade de regeneraçom do planeta. A única via que defendem estes senhores é a via que nos conduz direitinhos e direitinhos ao colapso ambiental. Os problemas actuais nom temem a ver com a falta de bens materiais, mas com a sua distribuçom e acesso, questoms mais relacionadas com a política e com os modelos de consumo do que com a expansom da economia.

Ninguém com dous dedos de testa poderia pensar que é possível crescer de forma sustentável num mundo fisicamente limitado. É curioso que a própria tecnologia mo-

derna, dentro deste mesmo contexto produtivista -culpável da crise ambiental-, poda apresentar-se como 'causadora' e como futura 'soluçom' de um mesmo problema (creio que nom temos os suficientes conhecimentos de 'futurologia' para ser tam pouco prudentes e confiar em que sempre haverá tecnologia que solucione os problemas derivados das nossas atitudes irresponsáveis).

David Pérez, economista e membro do grupo político-musical 'Skárnio', e Daniel Vázquez, economista e membro do colectivo ambientalista 'Coto do Frade'

PARA ALÉM DO FUTEBOL...

Gostariamos de dar os parabéns à seccom de desportos, mas nom podemos. Decepcionou-nos bastante, já que o futebol é considerado o desporto por excelência... mas é o desporto só futebol? Polo menos essa é a sensaçom que

tivemos no número 28, já que só se fala de futebol, e o que anunciam para o seguinte numero apenas é futebol.

Na imprensa, e sobretudo nos teledjornais, o único desporto que aparece é o futebol, e depois pinceladinhos de outros. E nós pensávamos que isto nom aconteceria nas Novas. Por isso, nós propomos que isto mude, que essa seccom seja diferente, que trate mais desportos. Aqui, na Galiza, temos muitos e muitas desportistas de elite: no atletismo, ginástica, nataçom, ténis, canoagem, triathlon...

A nossa intençom é que com esta seccom se deem a conhecer desportistas galegos e galegas de outros desportos que nom som muito conhecidos. Através de entrevistas, artigos, notícias.

Nós, como desportistas, estamos dispostas a colaborar com esta seccom para fazê-la mais completa, mas sem cair no tópicico de que o futebol é o desporto que mais interessa às pessoas.

Alva e Mariana Ánsia Calvino

ratura, o nosso armazém preferido da imaginação. Está bem. Mas eu hoje estou canso da poesia. Nom podemos confiar os nossos sonhos na rima ou no verso livre. Necessitamos revelar os nossos sonhos fora das páginas impressas. Sonhemos as formas de publicar um jornal, sonhemos as vias de construir cooperativas e rede social, sonhemos com empresas de comunicação, de agricultura ecológica ou de brinquedos. Ao sonhar forjamos chaves para portas que nom existem ainda e que nos conduzem aos novos territórios necessários. Porque sonhar é umha das necessidades para construirmos o nosso presente.

3. Às vezes temos medo de que acabem com o nosso país, com a nossa língua e conosco. Mas eles também temem medo de que ergamos o nosso país, a nossa língua, entre nós.

Tenhem medo dos livros que escrevemos, das fotos que publicamos, e temem a nossa música, e deixar-nos cantar livremente, e nom nos deixam os teatros nem falar na televisom, e temem medo de que podamos fazer o nosso cinema, rádio e de que tenhamos um jornal. Temem o nosso trabalho nas escolas, nas fábricas, nos escritórios. Temem medo de que nos juntemos e temem as nossas manifestações de amor, de liberdade. Temem medo de

que nos organizemos nas aldeias, nas vilas, nas cidades. Tenhem medo de que nos demos conta de que podemos chegar a fazer muito mais do que estamos a fazer se nos juntamos, se empreendemos projectos comuns, se lhes perdemos o medo. Receiam de cada pessoa que poda imaginar um país diferente a este. Temem cada aceno, cada esforço, cada impulso que fazamos para libertar este país das suas maos.

4. "Há que botá-los" é um desses sonhos que se está a converter em realidade, em presente. "Há que botá-los" é um filme de mais de 20 curtas que vários centos de pessoas estão a elaborar -a filmar, a actuar, a escrever, a editar, a informar, a distribuir...- cooperativamente. HQB quer mostrar à cidadania a Galiza do PP como o presente que é necessário converter em história. Precariedade laboral, atentados ecológicos, censura, emigração, subdesenvolvimento, opressão da mulher, assimilação linguística... HQB é produto de um esforço comum aberto também à tua participação. Porque aos que enriquecem com a miséria da gente há que botá-los já, agora e haverá que botá-los sempre. Ainda que amanhã será outro dia e o futuro pode esperar. Em www.arredemo.info há umha porta aberta para ti. Há que botá-los!

qualificatório por quem conserva e manifesta umha mentalidade profundamente machista. Que a vizinhança de Melide "suspeitara" e "acusara" Carmen Mella de "devoradora de homens" ou "Femme fatale" dava, mais que para um artigo contra esta mulher, para toda umha reflexom sobre os tópicos patriarcais que ainda pervivem no seio da sociedade galega. Mas que nas páginas do próprio NOVAS DA GALIZA, a vida sexual de Carmen Mella seja apresentada como o primeiro dado da "vergonha dentro da CRTVG", é um sintoma alarmante de que na esquerda do nosso país ainda há muito trabalho feminista por fazer.

Vejo que Daniel Gundim nom fai parte da Redaçom do periódico, e confio em que a inclusom de tais consideraçom no seu artigo passou inadvertida para as e os responsáveis do NGZ. Aguardo que a partir de agora se ponha maior atençom neste tipo de questom.

Luzia Matos Buxám

TÓPICOS MACHISTAS

A nova etapa do NOVAS DA GALIZA é digna de ser parabenizada: nom só pola sua entrada nos quisques, mas também polo novo desenho e a ampliaçom de secçom que contribuem para o converter, sem dúvida, num produto jornalístico mais atractivo e profissional.

Porém, a apresentaçom desta nova jreira, com o número 28, está lamentavelmente sujada com as consideraçom que Daniel Gundim fai na secçom NOVAS CONFIDÊNCIAS. O seu descobrimento dos "chanchulhos" na CRTVG desprende desde o começo umha série de tópicos machistas que nom deversem ter lugar na "informaçom crítica" que abandeira o NGZ.

Com efeito, o articulista critica Carmen Mella com pseudo-insultos e consideraçom que só podem ser reprovas e/ou empregadas com objectivo des-

NOVAS DA GALIZA

EDITORA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Ramom Gonçalves

REDACTOR-CHEFE
Carlos Barros G.

CONSELHO DE REDAÇOM
Marta Salgueiro, Antom Santos, Ivám Garcia, Alonso Vidal, Xiana Árias, Sole Rei

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Miguel Garcia, Carlos Barros e Alonso Vidal

INTERNACIONAL:
Nuno Gomes (Portugal)
Jon Etxeandia (País Basco)
Juanjo Garcia (Países Cataláns)

COLABORAÇOM
Maurício Castro, Inácio Gomes, Davide Loimil, X. Carlos Ánsia, Santiago Alba, Kiko Neves, José R. Pichel, Ramom Pinheiro, Joseba Irazola, Asier Rodrigues, Carlos Taibo, Ignacio Ramonet, Ramón Chao, Germám Hermida, Celso A. Cácameo, João Avelado, Jorge Paços, Adela Figueroa, F. Marinho e João Peres.

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ, Natália Gonçalves

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartin, Pepe Carreiro, Pestinho +1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo, Aduaneiros sem fronteiras

CORREÇOM LINGÜÍSTICA
Eduardo Sanches Maragoto

IMAGEM CORPORATIVA
Miguel Garcia

FECHO DA EDIÇOM: 15/04/05

As opinioes expressas nos artigos nom representam necessariamente a posioem do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedencia. A informaçom continua periodicamente no sitio web www.novasgz.com e no portal www.galizalivre.org

FAZER O FUTURO DISTINTO DO PASSADO

Depois de mais de duas décadas de aplicaçom do mais ortodoxo receitário neo-liberal, as conseqüências descarnadas de um sistema económico que parece gravitar sobre e contra as pessoas som dificeis de disfarçar. Na Galiza, afeitos por umha inércia intemporal a sermos vítimas propiciatórias de um progresso que sempre reservou para as periferias toneladas de lixo e idílicas perspectivas desrespeitadas, esta consciencia de pioramento e precariedade ganha umha nitidez especial. Nom estranha, entom, essa coincidência omnipresente: os meios oficialistas inçam as suas páginas com relatórios sobre o atraso, as convergências impossíveis e a emigraçom em alta; o sindicalismo de gestom insiste em grossos dossiers sobre direitos sociais em retrocesso, voracidade patronal e povires invivíveis; a partidocracia do politicamente correcto, com os seus vernizes diversos, assume em público a extensom do precariado com a veemência de quem quer conjurar um andaçom castigador ou um mau tempo incontrolável; recentemente, foi o próprio FMI que chamou às e aos europeus a prescindirem com realismo do estado-providência, ainda que melhor fosse que primeiro explicasse aos galegos como se demole umha estrutura ruinosa que aqui nunca passou de edificio a meio construir.

Este consenso pessimista apregoa-se aos quatro ventos com a prevençom inteligente de aquele que sabe mais útil explicitar umha doença conhecida por

todos, afazendo-nos a aturar passivamente as suas dores, do que lançar-se à tarefa impossível de silenciar um padecimento incrustado no mais profundo da existência colectiva. E, com efeito, assim está a acontecer: em poucas etapas da nossa história recente a consciencia da falta de perspectivas, a degradaçom social e a perda de quase todo o espaço de segurança e bem-estar real se combinou com umha resignaçom mais sólida, um cepticismo mais permanente e umha inersom mais decidida na frustraçom atomizada e presentista.

A reportagem que este número das NOVAS DA GALIZA apresenta, revisando escrupulosamente a delicada saúde da nossa economia nacional e a situaçom do mundo do trabalho, nom vai quebrar por si só este perigoso *impasse* em que o mal-viver se impom e avança com opoioes desarticuladas e escassas; mas sim que vai demonstrar que as resistências existem e perduram para fazer possíveis, desde aqui e agora, cenários de futuro alternativos. A imprensa crítica que, como a nossa, refuga a prática das pinceladas soltas e as análises isoladas de contexto, deve fazer que o rigor e a visom global desvendem interesses ocultos e ao mesmo tempo estimulem projectos colectivos. Porque é o consenso na vontade de construom de futuro o único que serve, nestes tempos neo-liberais de desconcerto, contra a hegemonia actual dos que já se contentam com partilhar lamentaçom.

SUSO SANMARTIN





NOTÍCIAS



A construción de minicentraís supom un dano irreparable para os ríos e os seus entornos / Arquivo NGZ

Pressom social evita construción de unha minicentral no río Outom

Quase metade das assinaturas precisas para a I.L.P. ser debatida no Parlamento fôrom recollidas no primeiro mês

REDACÇOM / O proxecto de construción de outra minicentral eléctrica, desta vez promovido por ENGASA no río Outom, nos concellos de Carvalho e Tordoia, foi declarado non viável pola Dirección Xeral de Qualidade e Avaliación Ambiental da Consellería do Medio Ambiente. A intervención e a presión exercida pola Plataforma en Defensa da Fêrveda de Entre-Cruzes, do goberno municipal e dos vizinhos e vizinhas da comarca de Bergantinhos en xeral, xunto con a da Asociación para a Defensa Ecolóxica da Galiza (ADEGA), foi definitiva para evitar a destrución de outro río galego por causa de un aproveitamento hidroeléctrico.

A Fêrveda de Entre-Cruzes posúe un elevado valor ambiental, paisaxístico e mesmo histórico-patrimonial, que foi tido en conta no relatório elaborado pola Dirección Xeral, que sinalava os prejudiciais efectos que a minicentral tería sobre a vexetación específica da zona, como tamén na visibilidade do salto, que diminuíria en 60% nos meses de Inverno. A escasa enerxía eléctrica que sería extraída e o impacto que produciría nas terras dos arredores a construción dos novos accesos precisos para se realizar o proxecto, tamén fôrom tidos en conta polo executivo medio ambiental da Junta.

No entanto, o goberno galego continúa sen contar con unha normativa específica e estrita en materia ambiental e, máis concretamente, para a protección dos ecosistemas fluviais. Neste sentido, a Iniciativa Legislativa

Popular promovida por diversos colectivos já recolleu un total de 7.271 assinaturas no primeiro mês.

Para que a I.L.P. poda ser levada a debate no Parlamento da Galiza é preciso o apoio de 15.000 assinantes, que debe ser conseguido nun prazo de catro meses, ampliables noutros tres caso non tenha sido atingido. Mas despois dos resultados obtidos neste primeiro mês, os responsábeis da proposición de lei mostráronse optimistas perante a posibilidade de conseguirem que esta seja tida en conta.

Destacan no texto presentado a consideración dos ecosistemas fluviais como "prioridade de interese xeral", e a intención de que estes espazos sejan geridos com

os mesmos criterios que os que forman parte da Rede Natura 2000. Aínda, a I.L.P. establece a participación cidadá en cuestións relativas ao ambiente en xeral, e aos recursos hidráulicos en particular, sinalando como norma a seguir o Convénio Internacional de Aarhus e incluíndo o dereito ao referendo para as poboacións locais afectadas por calquera novo plano deste tipo. A proposición tamén estipula a paralización daqueles proxectos que estejan já aprobados, ou mesmo en andamento, até o momento en que se elaborem e entrem en vigor novos planos hidrolóxicos que se correspondan con as directrices da Directiva Marco da Água e con as da mesma proposición.

Elaboram manifesto para outra política ambiental galega

◆ Cinco catedráticos das universidades galegas fizêrom público un manifesto em que declaram a súa postura contrária à vigente política ambiental da Junta da Galiza. O texto, redigido por Pedro del Llano, catedrático de Teoría e Representación da Arquitectura da UdC, Eduardo García Rodeja, catedrático de Edafología da USC, Javier Guitián, catedrático de Botánica da USC, Augusto Pérez Alberti, catedrático de Geografía da USC e Victoriano Ugorri, catedrático de Zoología Marinha da USC, dá unha visión negativa quanto a unha política que conside-

ra propagandística e augura un futuro pessimista em relação à situação ambiental galega, contra a imágen reflectida ultimamente pola imprensa, que mostra "un panorama tranquilizador". O estado dos solos, do litoral, das comunidades biológicas marinhas, a desaparición dos bosques autóctones e a sobre-exploración dos ríos som postos em relevo no manifesto, como tamén a destruição de elementos tradicionais da paisagem galega, como a rede parcelaria, a rede ancestral de camiños, as sebes ou os muros.

Paco Vázquez investigado por tráfico de influências

REDACÇOM / O Fiscal do Patrimonio do Tribunal Superior da Xustiza da Galiza (TSJG), Antonio Roma, decidiu finalmente a abertura de diligências informativas a fim de avaliar a possível existência de un delito penal na compra de un prédio da rua corunhesa de Tabernas por parte da familia do presidente autárquico. O referido imóvel foi comprado por Vázquez à ONCE em 1997 por 130 millóns de pesetas. Um ano despois da compra, o Plano Xeral de Ordenación Municipal (PGOM) rebaxou o grao de protección do edificio, de integral a estrutural, facto que permitiu à familia do presidente da Cámara a realización de unhas obras que incremen-

táron en 247 metros cuadrados a superficie útil da casa, remodelación até entom prohibida.

Para o TSJG, se afinal se verificasse que se produziu esta actuación ilegal, poderíamos estar perante un delito de tráfico de influências, "ao se ter favorecido un particular mediante unha decisión administrativa". Neste sentido, a oposición municipal insistiu em denunciar o alegado "favoritismo" e reclamou para o resto dos cidadáos e cidadás as mesmas 'facilidades' para realizarem obras deste tipo. Para Francisco Vázquez as acusacións pretenden apenas pôr em cuestión "a minha honradez e honorabilidade."

Mais de 5.000 incêndios florestais desde Janeiro



Um incêndio inicia-se na localidade das Neves / Arquivo NGZ

REDACÇOM / No que levamos de ano registáron-se no País 5.000 incêndios, 2.000 deles na provincia de Ourense. Da parte da ADEGA sinala-se novamente que a prevención tem de ser o eixo da luta contra o fogo e pedem unha mudanç na política contra incêndios da Junta, unha política onde se gastáron mais de 500 millóns de euros sen nenhum êxito. A Plataforma sindical de agentes florestais da Galiza reiterou um ano máis a "desidia", imprevision e ocultación da realidade, escasez de medios e ausencia de diálogo por parte da administración autonómica.

O obscurantismo do departamento que dirige José Manuel Barreiro evidenciou-se no facto de que non se poda coñecer quantos hectares ardêrom. Só no fim de semana do día 19 de Março fôrom queimados 3.100

hectares de monte, dos quais 1.625 se localizam nas comarcas da provincia de Ourense. Só entre Ponte Areias e Mondariz ardian nestas datas 400 hectares florestais num incêndio planificado con 14 focos de lume em diferentes paróquias próximas.

Enquanto a Galiza vive a seca máis importante dos últimos 30 anos, o goberno de Manuel Fraga oculta a súa incompetência na luta contra os fogos con declaracións inculpatórias. De facto, no último encerramento do goberno galego, o Presidente relacionava os incêndios com o 'retiro da Junta'. Assegurava Fraga que "se a nosssa presenza aquí trouxo algum vândalo desses, algum terrorista, pois eu non o sei, mas non é de estranhar nada coñecendo algunha tropa da que nos rodeia".



Sindicato Labrego Galego insiste na supressom da quota láctea

REDACÇOM / Na Galiza há, no momento actual, 17.897 explorações lácteas (há 15 anos eram 96.000), mas oitenta por cento destas explorações contam com umha assinatura de quota inferior à média de Espanha. Mantemos 53% das explorações pecuárias do Estado com 55 por cento da quota.

O Ministério da Agricultura promoveu um decreto em que se proíbe a compra e venda de quota láctea entre ganadeiros particulares.

A partir de agora, o Ministério comprará toda a quota leiteira e os ganadeiros que quiserem comprá-la terão que fazê-lo directamente ao Estado. No novo decreto estabelecem-se como prioritárias, na hora de adquirirem a quota, aquelas explorações que estiverem abaixo da quota média do Estado, quer dizer, 80 por cento das galegas.

Há já muito tempo que os sindicatos agrários -com a excepção de Jovens Agricultores- vinham reclamando que o Estado tomasse as rendas das quotas lácteas, já que o preço que alcançavam no mercado impossibilitava que as explorações médias e pequenas (a imensa maioria das galegas) pudessem pagar o preço e atingir umha renda digna para as ganadeiras e ganadeiros.

As medidas do Ministério, assegura o SLG, "nascem mortas" ao caducarem em Março de 2006. Nom é suficiente umha única campanha leiteira para ordenar um sistema que se encontra desde há anos imerso no caos.

O sindicato agrário indica que "recebeu com esperança as reformas introduzidas no sistema de gestom da quota láctea", embora entendam que os direitos de produçom deveriam ser gratuitos e nom ter valor de mercado. Venhem exigindo desde há já tempo a supressom do mercado da quota já que o actual sistema propiciou a apariçom de máfias e especulaçom com o direito para produzir. A central sindical valoriza "como um avanço importante as medidas anunciadas polo governo espanhol face à situação caótica que impera na actualidade".

Para o sindicato todas as medidas anunciadas serão inúteis "se só estiverem vigentes durante um ano", tal e como estabelece o decreto. A problemática do sector lácteo é tam profunda que "necessita de planos a longo prazo que assegurem, quando menos, a viabilidade de todas as explorações que actualmente están activas", mantém o SLG.

Activistas julgados nom ingressarém em prisom

Sete militantes ferrolanos de NÓS-UP están ainda a aguardar polo julgamento

REDACÇOM / Nem Joám Peres Lourenço nem Rubém Lopes Quintáns 'Rucho' ingressarém finalmente em prisom. O primeiro dos activistas, membro do portal de informaçom alternativa galizalivre.org, foi finalmente condenado a um ano de prisom e a umha multa de 240 euros por 'atentado contra agente da autoridade'. Fora detido num protesto em Lalim durante a visita do ministro Álvarez Cascos à Galiza, e a condena nom resultará na entrada do militante em prisom por carecer de antecedentes penais. Por seu turno, Rubém Quintáns foi absolvido das acusaçoms que o envolviam em açoms de sabotagem contra entidades bancárias

durante a grande manifestaçom de Nunca Mais de 1 de Dezembro de 2001. O juiz limitou-se a condená-lo por 'desordens públicas' a seis meses de cadeia, 30 euros de multa e umha indemnizaçom à Câmara Municipal de Compostela pola queima de contentores. Ao nom ter tampouco antecedentes penais, continuará na rua, ficando três anos em liberdade provisória.

Mas nem todos os casos fõrom ainda fechados: sete vizinhos de Ferrol, todos eles militantes de NÓS-UP, aguardam um julgamento por presumidas 'agressõms' ao vereador Juan Fernández durante a mobilizaçom contra a reconversom que transcorreu em Trás-Ancos no passado mês de Setembro.

Sabotagens em Ourense e Compostela

Fontes policiais apontam em ambos os dous casos a autoria independentista

REDACÇOM / Dous sabotagens tivõrom lugar nas últimas semanas em dous pontos da Galiza. Em Ourense, um carro da empresa Teleminho S.L. foi totalmente calcinado com artefactos incendiários na madrugada do dia 17 de Março. A explosom afectou parte do prédio situado ao pé do veículo e vários dos carros estacionados ao redor. O 'modus operandi', junto à eleiçom do objectivo (a televisom local relaciona-se com o grupo 'La Región', relacionado com o PP ourensano) fijo concluir à brigada de informaçom da polícia espanhola que se trata de um 'atentado de um grupo radical'.

Em Compostela, na madrugada do dia 7 de Abril, vários coquetéis molotov danificavam seriamente o prédio do 'Instituto Social das Forças Armadas', organismo dependente do Ministério da Defesa e sediado na Rua Ramon Pinheiro. As chamas, avivadas por pneus empapados em gasolina, rebentãrom as portas e penetrãrom no local, afectando as equipas informáticas e obrigando a paralisar a sua actividade durante vários dias. A açom poderia relacionar-se com a oposiçom ao desfile que o Exército espanhol prepara para o vindouro mês de Maio na cidade da Corunha.

CRONOLOGIA

◆ 14.03.04

TSJG suspende registo de VIH. Derroga-se o decreto que o criou e é qualificado como "evidente perigo" para a privacidade das pessoas.

◆ 15.03.04

Confrarias denunciam queda de 30% na produtividade após o Prestige. Perdas de 35.000 toneladas calculadas sobre dados de Pesca.

◆ 16.03.04

Paralisam obras em Corujo. Vizinhos detemem a construçom de pistas para a prova mundial de Mountain Bike. As obras aterram jazigos arqueológicos.

◆ 17.03.04

70 pessoas solidarizam-se em Ourense com Rubém L. Q. Convocatória da AMI mostra o seu "reconhecimento e solidariedade" ao processado, acusado de desordens e ataques a bancos em 2002.

Iberdrola ocupa posiçoms na Galiza. A multinacional basca vende na CAG em 2004 899% mais energia do que em 2003 e aposta na energia nuclear.

◆ 18.03.04

Mobilizam-se a favor de Ence. Convocadas por CCOO e UGT, com o apoio do PP e a CEP, 12.000 pessoas manifestam-se a favor da empresa condenada por delito ecológico.

◆ 19.03.04

Manifestam-se contra o PGOM canguês. 7.000 pessoas mobilizam-se contra o plano do PP e PSOE que "vende o termo municipal a imobiliárias e complexos turísticos".

Sabotagem contra carro de Teleminho. Desconhecidos incendiam carro da TV local ourensana.





◆ 21.03.04

Aumenta a sinistralidade laboral. Segundo o Ministério de Trabalho, em 2004 produzírom-se na Galiza administrativa 47.369 acidentes laborais com licença, com aumento de 2.6%.

◆ 22.03.04

UE renuncia ao “pleno emprego”. Rectifica a Estratégia de Lisboa dirigida a fazer da UE a 1ª potência económica mundial em 2010. O “Pleno emprego” e a “coesom social” desaparecem da agenda dos estados.

◆ 23.03.04

Condenados sindicalistas da CIG. “Indemnizarám” La Unión e Gómez de Castro com 37.592 € e multas de 7920 € por danificações produzidas nos autocarros num conflito laboral.

◆ 28.03.04

Julgamento a militante da AMI. Pedem dous anos de prisão e por volta de 30.000 € para Rubém L. Q. pola suposta participação em ataques incendiários a bancos na crise do Prestige. Mobilizam-se 70 pessoas.

◆ 30.03.04

Despejo ilegal de hidrocarbonetos entre as Cies e Ribeira. Afecta a costa de Aldám até o Vilar. Desconhece-se a identidade da embarcação e quantidade despejada.

◆ 31.03.04

Junta a favor do corte salarial. J.A. Orza, titular de Economía desde 1989 e secretário da Opus Dei, aposta em congelar salários e aumentar a produtividade para garantir a competitividade.

Galiza sem tecnologia contra despejos ilegais. Dous dias após a última ‘sentinada’, o Executivo espanhol comunica que o nosso país continuará sem a tecnologia necessária até 2007.

◆ 01.04.04

3000 vizinhos de Teis contra o PGOM. Mais de 3.000 pessoas manifestam-se contra o PGOM pactuado por PP e BNG. Denunciam o avanço de um modelo de “cidade antisocial”.

◆ 03.04.04

8.000 cangueses contra o PGOM. Denunciam projectos especulativos, destruíçom da



Caixa Galicia ganha posições no corpo de accionistas de Fenosa

As Caixas preparam-se para conseguir o controlo da companhia eléctrica

REDACÇOM / As principais caixas operantes na Galiza, Caixa Galicia e Caixanova, pretendem conseguir o controlo de 15% da Uniom Fenosa antes do próximo dia 6 de Maio, data da próxima Junta de Accionistas da eléctrica. Com este objectivo investirám mais de 280 milhões de euros, que fortalecerám a presença das financeiras na companhia, nomeadamente a de Caixa Galicia, que contava com umha participação de 567 milhões (8,05% do capital). Com a actual operação, a entidade dirigida por José Luis Méndez passará a possuir 10% de Fenosa, consolidando a sua segunda posição, só superada polo Santander Central Hispano (SCH), que controla 20,34%. Caixa Galicia e Caixanova preparam-se assim

para negociar com o SCH a compra de parte do seu pacote accionarial. José Luis Méndez é já o vice-presidente da eléctrica, enquanto a financeira do Sul contará com presença no Conselho de Administração a partir de Maio. Este processo dirige-se a controlar a médio prazo o capital da eléctrica, de forma semelhante à construção do ‘holding’ de La Caixa ou à forte presença desta financeira e Caja Madrid em Endesa, que repartem entre si 14% da maior eléctrica do Estado. Um caso equivalente acontece com os bancos procedentes do País Basco em relação a Iberdrola.

Os tentáculos de Fenosa

Uniom Fenosa está a experimentar um incremento dos

seus valores na Bolsa com as novas participações. A empresa que domina o abastecimento eléctrico da Galiza dispom de um capital social declarado de 914 milhões de euros e possui um império que se estende pola América Latina, onde conta com 74% da Distribuidora Dominicana de Electricidade, 95% da Empresa Nicaraguana de Electricidade ou 45% da Rede Eléctrica Nacional da Bolívia. Também nesta área tem participações em vários aeroportos e controla entidades como a irlandesa ‘Clover Financial and Treasury Services LTD’, a britânica ‘Ufacex UK Holding PLC’ ou a ‘Caribe Capital BV’ dos Países Baixos, entre outras entidades creditícias e sociedades de carteira.

Presidida por Antonio Basagoi-

ti Garcia, tem entre o seu corpo de accionistas representantes do grande capital galego e espanhol como o Banco Pastor, e também tubarons do capitalismo como o ‘Chase Manhattan Bank’. Um dos seus accionistas é o tristemente conhecido Fernando Fernández Tapias, presidente de Remolcanosa e amigo pessoal de Marc Rich, que no passado mês de Outubro recebia o prémio ao ‘Empresário Espanhol Universal’ da Cámara de Comércio de Espanha em Miami, galardom que tinha recebido no ano anterior José Maria Aznar. ‘Fefé’ possui actualmente 3.000 acções da Uniom Fenosa, umha quantidade significativa mas muito inferior à que deterám as Caixas a partir do mês que vem.

Com unhas e dentes contra a Via de Alta Capacidade

REDACÇOM / Os vizinhos e vizinhas de Tominho e o Rosal levam muitos meses já de protestos e mobilizações à procura de umha resposta positiva por parte da Direcçom Geral de Obras Públicas exigindo a modificação do traçado da Via de alta capacidade Tui - a Guarda. Os vizinhos apostam num traçado que circule polo monte, mais afastado do rio, numha zona de menor impacto ambiental. Os afectados reunírom-se em Goiám a 9 de Abril para boicotar com gritos, assobios e faixas, o acto de inauguração da

Mostra de Cultivos do Baixo Minho, por parte do conselheiro da Política agro-alimentar, Santiso Miramontes. Depois do acto, os concentrados e concentradas quigérom evitar que o conselheiro pudesse abandonar o local, deitando-se no chao da estrada para impedir-lo de sair com o veículo da zona. As forças policiaes actuárom carregando contra os manifestantes e como resultado, três vizinhos feridos apresentárom o correspondente laudo médico. Um polícia recebeu, ao que parece, umha mordida numha perna.

Assembleia de Mulheres do Condado organiza II Certame Literário

REDACÇOM / A Assembleia de Mulheres do Condado continua a sua dinâmica de trabalho feminista nesta comarca, neste caso organizando por segundo ano consecutivo um concurso literário de carácter reivindicativo e de denúncia. Com o patrocínio da Cámara municipal de Mondariz, de três livrarias da zona e do periódico A Peneira, as mulheres de toda a Galiza, e sem limite de idade, fõrom convocadas a participarem nesta iniciativa

apresentando obras de qualquer género literário e temática livre, sempre que tiver umha relação genérica com a opressom da mulher e integralmente escritas no nosso idioma. O júri, que falhará o prémio a partir do dia 30 de Junho, estará formado por várias mulheres significadas nos campos da luta feminista, a investigação histórica e a docência, participando também representantes das diferentes entidades patrocinadoras.

Gerente de Jardim das Burgas possui 65 empresas com só 8 trabalhadores

Manuel Cabezas utiliza empresas "disfarce" promovendo a especulação urbanística na Zona Histórica da cidade de Ourense

REDACÇÃO / Há já cinco anos que Manuel Cabezas Enriquez quijou promover na zona nobre da cidade um hotel Balneário ao pé da fonte das Burgas na antiga Casa de Banhos. O projecto começou a vendê-lo o próprio presidente da Câmara de Ourense, Manuel Cabezas, fora do controlo da omnipresente Fundação Sam Rosendo de Benigno Moure. A intenção era construir um pequeno hotel com treze andares, onze sobre terra, numha zona histórica, e aproveitar para construir apartamentos com alto valor no mercado no centro da cidade. Cabezas envolveu-se desta maneira na conhecida em Ourense como a "guerra dos balneários", entre os dous sectores do PP local que lutam pelo controlo das águas termais.

Após vários fracassos com empresas multinacionais que nom apreciáram o negócio da exploração balnear há quatro anos, a Câmara adjudica a obra à empresa Jardins das Burgas, com a previsom de construir

um segundo complexo termal em Mende, acompanhado de umha zona residencial. A adjudicação à empresa proprietária do solo deixa fora o círculo de empresas que gere a maior parte dos balneários, da órbita de Benigno Moure e de José Luís Baltar. Passados quatro anos, a empresa nom apresentou o projecto básico no Pelouro de Urbanismo, embora o governo local promovesse a requalificação dos terrenos que se encontram no contorno das Burgas e aumentasse a edificabilidade prevista para esta zona que limita com a Zona Histórica ourensana.

No último documento apresentado por Jardim das Burgas, manifestam a intenção de construírem um complexo hoteleiro com 81 quartos e 65 apartamentos.

65 empresas e 8 trabalhadores
Basilio Martínez Serodio é o responsável pola empresa Jardim das Burgas S.A. Tem ao seu nome 65 sociedades constituídas depois de desembol-

çar o capital mínimo que exige a lei e unicamente oito trabalhadores nestas empresas. Sociedades, na sua maioria com domicílio social em Madrid e Ponte Vedra, que se dedicam à actividade imobiliária de compra e venda de terrenos e lotes, e à construção de edifícios para a venda ou aluguer.

Destaca o facto de que a empresa que há de construir o complexo de Ourense nom tem ao seu nome nem umha só pessoa a trabalhar. Basilio Martínez Serodio, em nome da firma Jardim das Burgas, é também o adjudicatário da restauração do Balneário do Incio para convertê-lo num hotel.

Xestur e Xoán Carlos Cabanelas

O projecto do Hotel Balneário das Burgas é gerido administrativamente por Xoán Carlos Cabanelas, um arquitecto ourensano que conhecem bem em Bemposta, já que ele, através de Xestur Ourense, onde

ocupa a gerência, é também quem dirige a operação especulativa do campo de futebol em Bemposta para aproveitar o actual estádio como zona residencial, junto às delegações provinciais da Junta. Cabanelas foi um dos artífices da construção do Centro Comercial Ponte Velha. Som dous dos projectos estrela de Manuel Cabezas à frente do governo de Ourense. Xoan Carlos Cabanelas relaciona-se muito bem com o sector urbano do Partido Popular.

Depois de começar as obras com a empresa Jardim das Burgas, produzia-se o dano aos aquíferos das fontes. A tormenta desatada quer aproveitá-la José Luís Baltar para recuperar o controlo dos mananciais. Embora Baltar, presidente da Deputação e vereador na Câmara Municipal de Ourense, vote com o seu grupo nos plénários, está a promover a expropriação da empresa e umha nova adjudicação. Benigno Moure só aguarda.

Forte oposição vicinal ao Plano de Ordenação Municipal de Vigo

REDACÇÃO / O Plano Geral de Ordenação Municipal apoiado polo PP e o BNG em Vigo está a receber umha forte oposição por parte de diferentes sectores auto-organizados dos bairros e das paróquias, associações vicinais, de oposição à Rolda de Vigo e outros colectivos. No passado dia 13 de Abril, mais de 9.000 pessoas manifestáram-se na cidade pola paralisação imediata do Plano Geral, apoiadas por umhas trinta entidades populares.

As únicas organizações políticas que secundáram esta mobilização fórom IU-EU e NÓS-Unidade Popular, enquanto as forças com representação institucional mantemem o apoio unânime ao projecto em geral. A referida formação independentista questiona o processo de aprovação do projecto que,

considera, foi feito "de costas ao povo e responde a umha concepção mercantilista, especulativa e predadora, que promove e apoia um modelo de município ao serviço do capital industrial, comercial e financeiro".

O PGOM do governo municipal prevê a construção de 123.000 novas habitações nos 109 quilómetros quadrados do âmbito municipal e umha promoção do turismo de luxo combinado com a construção de portos desportivos.

Adiam execução do PGOM de Cangas

O Plenário da Câmara Municipal de Cangas aprovou umha moção do BNG para "retrotraír os trabalhos do PGOM", suspendendo-se assim a sua aprovação inicial. Nom obstante, o presidente da Câmara, Enrique



A pressom social conseguiu a paralisação do PGOM de Cangas

Sotelo, recusou a palavra, no Plenário, a um representante do Fórum Social em Defesa do Povo, o organismo que aglutina a resposta perante um Plano de Ordenação altamente questionado. Por volta de 500 vizinhos e vizin-

has tomáram os Paços do Concelho, forçando os vereadores do PP e PSOE a saírem escoltados. A paralisação do Plano é, no entanto, temporária e está por se conhecer os traços que definirán a nova proposta.



vila e turistificação. PP recusa-se a retirar o plano.

◆ 04.04.04

Saturação dos cárceres na Galiza. Instituições Penitenciárias reconhece que alojam 1.196 pessoas além da capacidade real.

◆ 07.04.04

PP paralisa PGOM de Cangas. Após duas mobilizações vicinais maciças, o PP paralisa o plano e reabre o processo de elaboração.

Atacado imóvel do Exército na capital. Pessoas desconhecidas incendiam sede do ISFAS.

◆ 08.04.04

Militante da AMI condenado a prisom. Rubém Lopes é sentenciado a 6 meses de prisom por "desordens públicas" durante a crise do Prestige.

◆ 09.04.04

Policia de Choque rebentam protesto na Corunha. Um detido e dez feridos e feridas no primeiro acto da Assembleia Aberta contra o Desfile Militar.

◆ 10.04.04

80.000 galegos e galegas emigráram em 2003. A média anual é de 60.000 pessoas.

Junta triplicará potência eólica instalada no horizonte de 2010. O excedente produzido será evacuado integralmente para Espanha por REE.

◆ 11.04.04

Beiras demite da presidência do Conselho Nacional. O líder do BNG tampouco participará nas candidaturas autonómicas.

◆ 12.04.04

Julgados suspendem acordo municipal sobre o topónimo. O nome espanholizado "La Coruña" nom poderá ser utilizado junto ao topónimo oficial.

◆ 13.04.04

Vigo mobiliza-se contra o urbanismo selvagem. 9.000 pessoas manifestam-se contra o PGOM aprovado por PP e BNG.

◆ 14.04.04

Auto-denúncia colectiva. 31 pessoas auto-inculpam-se nos julgados por terem retirado umha placa franquista em Lalim.

INTERNACIONAL

Desesquecendo o golpe da Venezuela

A três anos do dia 11 de abril de 2002



ANA LAURA PEREIRA / A vitória eleitoral de Chávez abria uma política estrutural de mudanças a longo prazo que incomodou os poderes económicos. Em 2002 cumpriu-se o dito popular venezuelano, "cada 11 tem o seu 13", e o dia 11 de Abril produziu-se o sequestro do Presidente, provocando um confronto armado nas ruas. Em poucas horas os velhos empresários tomavam o poder e mudavam o nome da República. Mas o dia 13 de Abril, Caracas era ocupada pelo povo indignado e revolucionário; as bases militares cobriam-se de rostos que berravam pela volta do seu presidente, até que finalmente um sector leal das Forças Armadas foi em busca de Chávez. Este dia 13 começava uma nova etapa no processo revolucionário, agora com mais medo dos núcleos traidores do exército, e também com a necessidade da acção rápida e eficaz. O governo começa a promover planos com objectivos revolucionários, com uma mínima burocracia que actua directamente nas necessidades da população. Surgem as missões Sucre, Robinson e Ribas; são alfabetizados mais de dois milhões de pessoas e abrem-

se as portas do ensino secundário e superior. A Missão Bairro Dentro, em colaboração com Cuba, leva a medicina pública às favelas. As leis de terras e de pesca são imediatamente posteriores ao golpe de Estado, pretendendo beneficiar a produção nacional, as cooperativas camponesas e a pesca artesanal, proibindo a prática do arrasto. Em Dezembro de 2003 a 'greve geral' do empresariado ameaçava o Governo durante dois meses, mas o povo resistiu e o comandante resistiu. O processo revolucionário continuava na Venezuela, levando a esperança à América Latina. E em 2004 o resultado do referendo revogatório apontava, mais forte que nunca, para um novo rotundo à volta atrás, à dominação empresarial e à revogação presidencial. Venezuela tem hoje um presidente eleito e reeleito democraticamente. Enfrenta um processo com pressões constantes e com a consciência de que o próprio sistema tem muito por limpar e melhorar, mas caminha na direcção aprendida dos velhos libertadores. "Alerta, alerta, alerta, que caminha a espada de Bolívar pela América Latina", berram as ruas.

Eleições ao Parlamento Basco: cálculos errados dos jogadores da política

JON ETXEANDIA / Há triunfos que, por insuficientes, sabem a derrota. Algo assim aconteceu à coligação nacionalista PNB-EA que, apesar da sua vitória eleitoral, ficou longe de conseguir a ambicionada maioria absoluta. A sua estratégia de antecipar as eleições autonómicas pensando em beneficiar da ilegalização de Batasuna não deu os frutos apetecidos. Os resultados eleitorais oferecem um empate técnico entre as forças que apoiaram o anterior governo tripartido de Gasteiz, PNB-EA-EU, com um hipotético apoio de Aralar, que consegue uma acta de deputada, e as chamadas forças constitucionalistas espanholas, PP-PSOE, que contariam com 33 mandatos, e isto provocará uma situação de bloqueio. Nesta tessitura, entraria dentro do possível algum tipo de pacto de legislatura

entre o PNB-EA e o PSOE, algo que nom seria impensável considerando antecedentes históricos que já recolhem um pacto similar em meados dos anos 80, mas que, com certeza, alongaria o conflito, afastando-nos de um cenário de negociação. Após uma campanha eleitoral marcada pela ilegalização e a perseguição policial das opções independentistas e de esquerda, os resultados das eleições ao parlamento basco, com a irrupção de EHAK -Partido Comunista das Terras Bascas-, opção que foi apoiada por Batasuna, com nove mandatos obtidos, tornaram manifesto como é absurdo pretender marginalizar um amplo sector do Povo Basco que se expressa em chave autodeterminista e de esquerda e que, por causa da distri-

buição de mandatos no parlamento basco, paradoxalmente, vai adquirir um papel de árbitro e será referência ineludível na próxima legislatura. A campanha desenvolvida por EHAK sob parâmetros de autodeterminação, democracia e superação do conflito, garantindo a presença da esquerda abertzale no Parlamento Basco, foi premiada por um amplo sector do eleitorado. O que vai estar em jogo durante os próximos quatro anos, tal e como previu o dirigente de Batasuna Arnaldo Otegi, vai ser o modelo de negociação para a resolução do conflito armado e político: optar por um modelo de negociação resolutiva entre todas as forças políticas ou, pelo contrário, repetir o esquema de há 25 anos e enquistar o problema. Os próximos meses serão chaves para engergar o porvir.

NOVAS DE ALÉM MINHO

NUNO GOMES / Apesar da impressão generalizada de que existe um declínio do uso da língua portuguesa no mundo, surgem notícias que mostram uma realidade diferente. Um estudo recente mostra que o português nunca foi tão utilizado em Moçambique como agora, e que desde a revolução de 1974 houve um aumento de 30% no número de falantes. Em Angola um interesse renovado na língua dos antigos colonos levou a um incremento do número de escolas de portugueses. Estas são promovidas pelas Nações Unidas e uma associação jesuíta, para crianças entre os 7 e os 17 anos. Muitos dos alunos destas novas escolas são refugiados que apenas agora regressam a Angola, e sentem-se desenquadrados num país cuja língua oficial é o português, o que pode implicar dificuldades em termos sociais e de inserção no mercado de trabalho.

Os projectos transfronteiriços entre o Norte de Portugal e a Galiza têm tido um forte desenvolvimento. A Valimar (Comunidade Urbana que engloba os municípios ribeirinhos do rio Lima e ainda Espotende e Caminha) apresentou recentemente um projecto de cooperação com a zona de Ourense, com a qual faz fronteira, e que diz respeito a um investimento de 10 milhões de euros. Destes, 1,6 milhões referem-se à instalação de pólos empresariais, e 92 mil dizem respeito ao funcionamento da Comunidade Territorial de Cooperação Valimar/Ourense. Existem ainda 1,1 milhões para o subprograma Estaciones (para a recuperação do elevador de Santa Luzia, em Viana do Castelo) e 696 mil para projectos de turismo no litoral. Um dos projectos mais reivindicados pela Valimar é a ligação da A28 (autoestrada que ligará o Porto a Caminha) à Galiza, através duma

nova ponte entre Caminha e A Guarda. Está também prevista a criação da Uniminho, uma sociedade de municípios portugueses e galegos limítrofes do rio Minho. Outros projectos actuais implicam a instalação de estações de tratamento de águas no rio Minho (Deputrans), o apoio a migrantes em Ponte Vedra (Cidade Mais), e a recuperação da via romana entre Lugo e Braga (Vias Atlânticas). Todos estes projectos estão inseridos na euro-região Norte de Portugal/Galiza, e são subsidiados pelo programa Interreg, da União Europeia, que visa o desenvolvimento das zonas fronteiriças. No investimento privado, tem relevância o projecto da plataforma logística e industrial 'Porto Seco', entre Salvaterra do Minho e as Neves. O investimento estimado é de 190 milhões de euros, e terá uma influência que poderá ir de Santiago de Compostela até ao Porto.

ARTABRIA
Travessa de Batalhões, 7
981369099 - 981369921
15403 FERROL
www.artabria.net

LOCAL SOCIAL
REVOLTA
Rua Real, 32
Apdo. 287 - 36200 VIGO

CENTRO SOCIAL
A tren!
Presbiteros en taxi ajuñidos colaborat!
csatreu@hotmail.com
Travesa San Xosé, 2 (095-60-040)
15.002 CORUNHA
Colaboracion: 2091-0012-18-3040031205

ALTO minho
associação cultural
Rua Catezol, nº15 - Apdo 289 Lugo
alminho@35.org | www.35.org/altomino

galiza | mre.org

Para frear o patronato, luita sindical

MANOLO CAAMAÑO

O 1º de Maio representa para o conxunto dos traballadores do Planeta, umha data referencial do Movemento Operário Internacional, em que se combina a luita diária por melhorar as condicións laborais e salariais, com a alternativa estratégica de um mundo solidário, sem exploradores nem explorados.

Situados na realidade económica e laboral da Galiza, o Patronato continua com o deterioro das condicións de traballo, temos 150.000 desempregados, os saláris mais baixos do Estado, as pensons mais cativas, índices de precariedade de 92%, alta sinistralidade laboral: imigrantes na mais completa indefen-

som, e 20.000 emigrantes por falta de traballo e de desenvolvemento integral da economía galega.

Esta política de agresom capitalista, continua a ser favorecida polo pacto social permanente em que están situados alguns dos sindicatos do Sistema, que colaboram na perda do poder aquisitivo dos saláris, situando os incrementos 2005 em 2%, ou na destruiçom de postos de traballo, como no Sector Naval, favorecendo a privatizaçom dos sectores públicos.

Por outro lado, o neo-capitalismo continua a ser a bandeira do Governo ZP, sem que seja proposta a derrogaçom de nenhum dos últimos Decretos anti-operários, ao mesmo tempo que as medidas antidemocráticas e



O NEO-CAPITALISMO CONTINUA A SER A BANDEIRA DO GOVERNO ZP. SEM QUE SEJA PROPOSTA A DERROGAÇOM DE NENHUM DOS ÚLTIMOS DECRETOS ANTI-OPERÁRIOS, AO MESMO TEMPO QUE AS MEDIDAS ANTIDEMOCRÁTICAS E REPRESSIVAS CONTINUAM A AFECTAR O CONJUNTO DOS TRABALHADORES

repressivas continuam a afectar o conxunto dos traballadores, e a Junta de Fraga persiste na desertizaçom industrial e no caciquismo mais aberrante.

Tampouco andam as cousas bem para os traballadores de outras partes do Estado, nem dessa Uniom Europea dos mercadores; cada día o movemento sindical europeu está na rua a mobilizar-se e em greve para a defensa, em muitos casos, de conquistas e dereitos laborais e sociais que a rapina capitalista tenta por todos os meios fazer desaparecer.

A ofensiva depredadora do capitalismo é tal que nada tem que invejar dos séculos XVIII-XIX. Os mercenários das guerras e as tropas de ocupaçom do Imperialismo tenhem pre-

visto maiores intervençoms em todos aqueles países nom submissos à sua Ordem Internacional. Mas ao mesmo tempo a resisténcia frente à espoliaçom capitalista avança na luita por umha sociedade mais justa e igualitária.

Pola parte da Central Unitária de Traballadores (CUT), fazemos un chamamento neste 1º de Maio a manter viva a luita dos "Mártires de Chicago", das grandes luitas proletárias em cada canto do Mundo, dos nossos mártires de "10 de Março de 72", e a recuperar a mobilizaçom e a defensa dos intereses da nossa classe traballadora.

Nota: Como é prática habitual, a ortografía deste artigo, cujo original seguia as normas ILG-RAG, foi adaptada por NGZ com a autorizaçom do autor.

FOI DITO

"O MUNDO PERDEU UM CAMPIOM DA LIBERDADE HUMANA"

George W. Bush

Após a morte do Papa. 02.04.05

"PAUL ESTÁ COMPROMETIDO COM O DESENVOLVIMENTO. É UM HOMEM COMPASSIVO E DECENTE"

George W. Bush

Sobre o seu candidato à presidencia do BM. P. Wolfowitz é o desenhador da guerra no Iraque e representa a extrema-direita na Casa Branca. 16.03.05

"A ESPANHA PLURAL É 'UMHA HORTERADA'"

Francisco Vázquez

18.03.05

"MARBELHA NOM É O QUE ERA. SÓ FICA A PANTOJA"

Um paparazzi

27.03.05

"FRANCO ERA MUITO DIVERTIDO COMIGO E CONTAVA-ME PIADAS E MEXERICOS"

Aline Romanones

Condessa de idem. 27.03.05

"O PREÇO DO DESPEDIMENTO É UM FACTOR PURAMENTE PSICOLÓGICO"

Fernando Moreno

Director de Relaçoms Laborais da CEOE. 09.04.03

"IGUAL DO QUE EU, A GALIZA PODE-A AMAR MUITA GENTE; MAS MAIS, NINGUÉM"

Stgo. Rey Fernández-Latorre

Vice-presidente primeira do Parlamento da CAG. 03.04.05

"IREI A ROMA. É O MÍNIMO QUE PODE FAZER UM OPERÁRIO POR OUTRO OPERÁRIO"

Lula da Silva

Presidente do Brasil. 03.04.05

"SOMOS O PARTIDO DA GENTE"

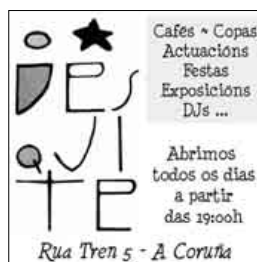
Antón Louro

Em referéncia ao PSOE. 24.03.05

"AS COUSAS MELHORÁROM EM ESPANHA, MAS O MELHOR ESTÁ POR VIR"

ZP

13.04.05





A FUNDO

A SITUAÇÃO LABORAL É ESPECIALMENTE GRAVE PARA JOVENS, MULHERES E DESEMPREGADOS

Exploração e emigração dominam a realidade da situação laboral

A Galiza continua a ser um dos países europeus com maior número de trabalhadores fora dos seus limites geográficos. Segundo os cálculos da Junta, a população emigrante é de quase 1.400.000 habitantes, sem contabilizar as segundas gerações. A falta de expectativas laborais, junto à precariedade, a exploração e as baixas prestações sociais

que recebem os trabalhadores e as trabalhadoras, provocam um êxodo anual de 60.000 pessoas. A juventude, as mulheres e os desempregados maiores de 45 anos som na Galiza os sectores mais afectados pela grave situação do trabalho. A nossa problemática evidencia a desfavorável situação da classe trabalhadora a nível mundial.

XIANA ÁRIAS / As moças e os moços galegos encontram-se numha situação especialmente precária. As opções consistem em ficar no país, com um contrato a prazo mal pago, ou partirem para a emigração. Segundo as estatísticas, uns trinta mil rapazes e raparigas abandonaram Galiza o ano passado à procura de trabalho. As Ilhas Canárias e as Baleares e, num segundo plano, Madrid e Barcelona, recebem os principais contingentes migratórios. Mas os dados nom contabilizam, por exemplo, a saída para as plataformas petrolíferas, onde trabalham entre quinze e vinte mil moços que nem sequer quotizam para a Segurança Social. Por parte da CIG-Emprego, Manuel Currás aponta outro grupo nom contabilizado que poderia engrossar ainda mais este número: os jovens com contrato em explorações mineiras que as empresas enviam a trabalhar para o estrangeiro.

A prática da contratação precária entre a mocidade chega no nosso país a 60 por cento. Esta juventude assina contratos a tempo parcial que cobrem ilegalmente a jornada completa sem dia de folga semanal. Acabada a etapa de formação, veem-se na obrigação de exercer os contratos de práticas que nom chegam ao salário mínimo interprofissional. Nos pavilhões de automóveis, as únicas incorporações ao quadro de pessoal som moços com contratos de temporalidade, de umha média de 10 horas diárias, e o excesso de tempo nom se paga ou compensa-se escassamente. Nos sectores da lousa, do mármore e da pedra, os operários som menores de 30 anos e os contratos de duração indefinida nom atingem 40% dos quadros de pessoal. Os moços ocupam postos temporários, prevalecendo o contrato por obra em circunstâncias freqüentemente irregulares com jornadas de 45 horas semanais.

A hotelaria é um dos sectores com taxas mais elevadas de sobre-exploração. Estima-se que ao



Galiza vai no "vagom de terceira classe" do Estado espanhol, com umha elevada contratação temporária. No último ano, perto do 92% dos contratos fórom a prazo.

redor de 15% da mao-de-obra hoteleira trabalha de maneira informal. Quase 70% da contratação na hotelaria é eventual e 25% trabalha com contratos fraudulentos. A maioria dos trabalhadores som menores de trinta anos.

Mao-de-obra barata feminina

As mulheres acedem a contratos a tempo parcial como única opção para conseguirem um posto de trabalho. 62% do desemprego galego corresponde a mulheres. A maioria desenvolve o seu trabalho em condições especialmente precárias. Elvira Patinho, da CIG-Mulher, assinala que, nos contratos a prazo, as mulheres costumam receber 26% menos do salário que um homem com idêntico contrato, 34% menos que outra mulher com contrato sem prazo (indefinido) e 42% menos que o salário médio. As mulheres som mais de setenta por cento do conjunto dos trabalhadores nos sectores da indústria da alimentação, de confeitarias e pastelarias, e da conserva. A contratação estável a tempo inteiro nom supera 55% do total.

O sector do têxtil, que ocupa no nosso país 17.800 trabalhadoras e trabalhadores, é a actividade que concentra os dados de pre-

62% do desemprego galego corresponde a mulheres. A maioria desenvolve o seu trabalho em condições especialmente precárias.

riedade e sobre-exploração mais extensivos e intensivos. No subsector da confecção concentra-se 85% do total da actividade têxtil na Galiza. A mao-de-obra feminina ocupa 92%.

O comércio da alimentação ocupa 25.200 trabalhadores e trabalhadoras, agrupados nas principais cadeias de supermercados e no qual 93% som mulheres, maioritariamente com idades inferiores aos 30 anos. 53% dos contratos som sem prazo e os restantes contratações a prazo por acumulação de tarefas, aprendizagem e obra. Nalgumas empresas as primeiras contratações a prazo, como no caso de DIA, podem ser a tempo

parcial por seis horas, mas com umha jornada real de onze horas diárias. O sector de limpeza dá trabalho a 22.500 galegos, dos quais 87% do pessoal é mao-de-obra feminina. Regista-se um elevado número de casos de mulheres que com 65 anos de idade nom podem reformar-se, já que unicamente quotizárom para a Segurança Social por jornadas parciais, que nom se correspondem com as jornadas reais trabalhadas.

Para Manuel Currás, há principalmente três colectivos que sofrem as consequências da desregulação do mercado: a mocidade, as mulheres, e as pessoas de mais de quarenta e cinco anos. Estas últimas, desempregadas, despedidas de outras ocupações e com dificuldades de inserção no mundo do trabalho por causa da idade, contam com escassas saídas laborais. Por parte da CUT, Manolo Caamaño assinala que o País vai no "vagom de terceira classe" do Estado espanhol, com umha elevada contratação temporária. Se nesse contexto situamos a problemática das pessoas de avançada idade, de quarenta a sessenta anos, que nom se encontram ainda no limiar da reforma, damos com a realidade do pluriemprego, com o emprego paralelo ou mesmo com a procura de vias de escape na emigração. No relatório sobre a precariedade da CIG, aponta-se que na actualidade se regista a incorporação de maiores de 45 anos às actividades de venda ao domicílio e na telemercado-técnica. Contudo, a maioria destas empresas cobrem o seu quadro de trabalho com setenta e dous por cento de mao-de-obra feminina menor de 30 anos. Estas actividades correspondem-se com a terciarização do mercado laboral, que se serve da subcontratação para baratear e precarizar a mao-de-obra. Segundo a CIG, o perfil dos desempregados de longa duração na comunidade galega é o de umha mulher maior de 45 anos. Estas mulheres desempregadas há mais de dous anos que nom recebem umha oferta laboral.

EM DADOS...

PANORAMA LABORAL

- **Sessenta mil pessoas** abandonam anualmente o País por motivos laborais.
- **Entre quinze e vinte mil moços galegos** trabalham ilegalmente em plataformas petrolíferas.
- A contratação a prazo em 2004 foi de **cerca de 92%**.
- O perfil dos **desempregados de longa duração** coincide com o de umha mulher maior de 45 anos.
- **62% do desemprego** é feminino.



OS TRABALHADORES DA FROTA COSTEIRA REALIZAM JORNADAS DE DEZASSEIS A DEZOITO HORAS

Precariedade caracteriza mercado de trabalho

A problemática galega evidencia a desfavorável situação da classe trabalhadora a nível mundial. O colapso do bloco soviético em finais dos anos oitenta significou a queda do último impedimento para o triunfo da revolução conservadora iniciada por Margaret Thatcher e Ronald Reagan. O consenso neo-liberal imposto na fase actual do capitalismo baseia-se no fetiche falso do adelgaçamento do Estado. Porém, o gasto dos estados centrais do sistema capitalista nom só nom minguou, como atingiu quantias inéditas na história. Mas nos dias de hoje o bolo distribui-se doutro jeito. O intervencionismo estatal esqueceu a protecção e as prestações sociais dos trabalhadores próprias dos modelos social-democratas estabelecidos no Ocidente após a II Guerra Mundial, e reorientou-se para a estratégia militarista da guerra global permanente. Assim, os direitos laborais passam às folhas prescindíveis das agendas governamentais e os ministérios da repressão (Defesa, Interior e Justiça) engordam os seus fundos. Dos dous mil e oitocentos milhões de trabalhadores que há no mundo, mil e quatrocentos milhões ganham menos de dous dólares diários e quinhentos e cinquenta milhões ganham menos de um dólar por dia. No ano 1993 o número de trabalhadores desempregados era de cento e quarenta milhões e em 2003 esta quantidade ascendeu a cento e oitenta e seis milhões (*El Viejo Topo*, número 205-206).

No enquadramento da Comunidade autónoma, o desemprego nom deixou de crescer. Em finais de 2004 o desemprego era de 9% mais que no ano anterior. No total do Estado espanhol, no mês de Dezembro de 2004 registava-se umha descida da desocupação de 12.432 pessoas. Polo contrário, na Galiza registáram-se 4.705 novos desempregados, 3,14% mais. Em nenhuma comunidade se produziu um incremento tam importante e a maior parte dos desempregados há mais de dous anos que se encontram na mesma situação. O sector agro-pecuário sofreu o rigor do desemprego de forma acusada. Das aproximadamente cem mil explorações recenseadas em 1990 ficam menos de catorze mil, o qual quer dizer que se destruíram mais de 85.000 postos de trabalho. Nom se produziu reconversão alguma: simplesmente, desapareceram sem gerar outras alternativas laborais. Além disso, a perda de capacidade aquisitiva dos e das trabalhadoras galegas nom tem feito mais do que aumentar.



O modelo de contratação dominante no sector é o de obra, numha percentagem que supera oitenta e três por cento do total. Este ramo regista o maior número de contratos temporais.



Das 100.000 explorações agrárias de 1990 ficam menos de catorze mil.

A precariedade e a sobre-exploração som umha prática maioritária no País. Entre os objectivos da Junta da Galiza nom figura nenhuma política destinada a acabar com as lamentáveis condições que predominam no mercado laboral. Os dados demonstram a escravatura que sofre a classe trabalhadora. A estatística assinala que no sector naval galego, nos momentos algi-

dos de trabalho na construção ou reparação, o quadro de pessoal directo, fundamentalmente nos estaleiros privados, nom supera 15% da mao-de-obra total. As horas extraordinárias apresentam carácter obrigatório nos contratos a prazo e a negativa a realizá-las significa a nom renovação do contrato. Nas instalações eléctricas e na canalização, apesar de serem

A precariedade e a sobre-exploração som umha prática maioritária no País. Entre os objectivos da Junta da Galiza nom figuram políticas destinadas a acabar com as lamentáveis condições que predominam no mercado laboral.

actividades profissionalizadas, mantém-se umha relação de contratação eventual superior a 60%. A jornada laboral oscila entre 10 e 11 horas diárias, igual que no sector siderúrgico galego, que ocupa actualmente 42.300 trabalhadores e trabalhadoras, e a contratação - segundo os dados do INE - regista umha média de eventualidade de 40 por cento. No ramo da instalação de telefonía fixa e móvel, que multiplicou a sua actividade nos últimos anos com a liberalização e a aparição dos novos operadores, a jornada trabalhada oscila entre 11 e 12 horas diárias.

O mar dá trabalho a 35.100 pessoas, segundo os dados de que dispom a CIG. Uns 59% dos trabalhadores som eventuais. Há casos nos quais o contrato a prazo, por períodos de 3 ou 6 meses, é ultrapassado repetidamente por embarques e desembarques que nom som compensados. Na frota de pesca costeira a jornada é de 16 a 18 horas diárias de trabalho, às quais deve somar-se o deslocamento à zona de pesca e o regresso ao porto.

Na frota de pesca em alto mar ou industrial, a precariedade traduz-se na realização de jornadas laborais infinitas, que amiúde podem ocupar a totalidade do dia, em condições extremas de temperatura e onde a vida do marinheiro está em constante perigo. Assim, a análise específica de cada sector nom fai mais que revelar a grave situação que enfrenta o País.

Contratos a prazo na construção

Os dados mais escandalosos registam-se no sector da construção, que ocupa 85.000 trabalhadores e trabalhadoras. O modelo de contratação dominante no sector é o de obra, numha percentagem que supera oitenta e três por cento do total. Este ramo regista o maior número de contratos temporais. O quadro laboral está formado por homens, excepto nalgumas tarefas de administração.

As empresas de tamanho médio, com quadros de pessoal de entre 10 e 35 trabalhadores, costumam regular a jornada de trabalho "a obra feita" com sobressaturação do tempo laboral e com jornadas diárias superiores às 11 horas, mesmo aos sábados e domingos. Na actualidade, a construção, junto com a hotelaria, representa um sector de recepoem de mao-de-obra imigrante, incorporados como pedreiros independentemente dos seus conhecimentos e formação. A precariedade no sector está também determinada pola alta sinistralidade que é prova dos escassos meios e medidas de prevenção.

87 galegos perdem a vida nos seus empregos em 2004

A Galiza continua a ocupar a cabeça do Estado espanhol e da União Europeia em sinistralidade laboral. Para além das 87 vítimas mortais, registáram-se 1.083 sinistros de gravidade durante a jornada de trabalho e mais de 46.000 com o qualificativo de "leves" no ano passado. Segundo fontes do Ministério do Trabalho e Assuntos Sociais, o índice de acidentes no trabalho atinge no nosso país 11,06%, apenas excedido, no enquadramento estatal, por Cantábria. A média do Estado espanhol, no entanto, situa-se em 6,72%. Em números absolutos, unicamente a Catalunha, a Andaluzia e a Comunidade Autónoma de Madrid, com maior população activa do que a Galiza, superam a mortalidade laboral galega.

O sector dos serviços, os trabalhadores do mar e a construção conformam os estratos mais afectados pelas taxas de sinistralidade laboral nacional. As três quartas partes dos operários falecidos no ano 2004, 67, pertencem a estas três camadas da realidade do mercado laboral galego. O maior número dos 1.083 acidentes graves, quase trinta por cento, contam-se entre os operários da construção, enquanto que o sector serviços é o que mais acidentes regista, 16.079 de um total de 47.369. A accidentalidade produz-se maioritariamente nos empregos de menos estabilidade e com modalidades contractuais a prazo (temporárias).

A situação laboral e social nos territórios que integram o

actual Estado espanhol apresenta-se muito distante da dos trabalhadores noutros países da União Europeia. A mortalidade diferencial por classe social atinge, no quadro estatal espanhol, um dos índices mais elevados. Dados revelados polo professor de Políticas Públicas na Universidade Pompeu Fabra de Barcelona, Vicenç Navarro, referentes ao Estado espanhol, mostram que entre a esperança de vida de um burguês e a de um trabalhador nom qualificado no desemprego há dez anos de diferença em prol do burguês. No que di respeito à protecção social e segundo dados do Eurostat, o Estado espanhol só gasta mais, dentro da União Europeia, que Portugal, a Hungria e a Eslováquia.



O GANHO DO SECTOR MEXILHOEIRO TEM-SE ESTANCADO NOS ÚLTIMOS TEMPOS

Mitilicultura: o caminho da bonança à crise

50% da produção mundial de mexilhom e 94% da do Estado espanhol provém da Galiza. As 3.242 bateias existentes na costa galega produzem anualmente ao redor de umhas 280.000 toneladas deste bivalve, com uns beneficios económicos médios de 17.000 milhões das antigas pesetas no mesmo período de tempo, e proporcionam 11.500 postos de trabalho num sector muito estruturado, com cooperativas e organizações

de produtores, centrais de vendas e órgãos para a gestom, regulaçom e melhor comercializaçom do produto. Sem embargo, toda esta aparente vertebracom nom está a evitar os numerosos problemas actuais. Assim, o ganho gerado polo sector mexilhoeiro, até a década de 80 em aumento, tem-se estancado nos últimos tempos, e mesmo se pode perceber certa tendência à diminuiçom.

SOLE REI / As toxinas que afectam os bivalves estão a ser um problema muito grave. Se bem que estas marés vermelhas influíssem desde sempre na aquicultura, nos últimos anos parecem ter-se incrementado, e biólogos e membros do sector mitilícola assinalam os efeitos do Prestige como causa da actual situação do mexilhom, que tem perdido capacidade de reprodução, pois a mesma cria "nem agarra nem engorda como antes", segundo declaraçom do presidente do Conselho Regulador do Mexilhom da Galiza, Ramón Dios.

Além disso, a normativa referente às provas de toxicidade para a comercializaçom dos bivalves europeus mudou, passando de abranger um tempo de observaçom de 12 horas, nos bio-ensaíos com ratos, a 24 horas. A mudança, apresentada como umha medida europeia para garantir a salubridade no consumo de mexilhom procedente de outras latitudes, onde existem toxinas que nom se detectam antes desse tempo, está, no entanto, a ser causa de desbarates e problemas para os produtores galegos. Polígonos de bateias da Arouça, Cambados, Ribeira, Vigo, Cangas ou Baiona permanecem fechados actualmente, enquanto que os mercados que antes eram fornecidos por eles estão



Polígonos de bateias da Arouça, Cambados, Ribeira, Vigo, Cangas ou Baiona permanecem fechados actualmente, enquanto que os mercados que antes eram fornecidos por eles estão a ser ocupados por centrais de outros países

a ser ocupados por centrais de outros países, como o Chile, que está a ver favorecido o desenvolvimento do seu sector mitilícola à custa do retrocesso do galego.

A possível perda do mercado

Os colectivos de mexilhoeiros do País mostram-se em desacordo e nom escondem a sua inquietaçom: "Se nom voltarem a pôr as doze horas e se nom melhorarem os reparqueamentos, está claro que o sector vai a

Se a situação nom mudar, o sector mexilhoeiro vai à falência. Nom duramos nem cinco anos.

falência. Nom duramos nem cinco anos", declarava Marcos Castro, presidente da cooperativa ogrobense Amegrove. A situação poderia provocar, aliás, um desabastecimento dos mercados, o qual, para os produtores galegos, implica o risco de umha futura perda dos mesmos. Além disso, a inquietaçom aumenta perante o sentimento de umha falta de apoio por parte dos executivos tanto galego como espanhol. Assim, o conselheiro

da Pesca e dos Assuntos Marítimos, López Veiga, declarava recentemente o seu optimismo perante umha crise que, segundo ele, nom existe.

Os baixos preços de venda com que outros países estão a incorporar-se aos mercados som também um problema, que está levando alguns bateieiros galegos a comercializarem mexilhom "fora", a preços mais baixos do estabelecido polas centrais, gerando fortes tensom.

A situação poderia provocar, aliás, um desabastecimento dos mercados. Além disso, a inquietaçom aumenta perante o sentimento de falta de apoio por parte dos governos tanto galego como espanhol.

www.novasgz.com | novasgz@novasgz.com | Telefone: 639 146 523

NOVAS DA GALIZA



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a
NOVAS DA GALIZA, Caixa dos Correios 1069 (C.P. 27080) de Lugo

1 Ano = 12 números = 20 euros Assinante Colaborador = ___ euros

Nome e Apelidos Telefone

Endereço C.P.

Localidade E-mail

N° Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

REPORTAGEM

CORRUPÇÃO, CLIENTELISMO E IMPUNIDADE NA 'ZONA ZERO'

Mugia, couto da dominação caciquista

A vila que foi símbolo da catástrofe do Prestige é também símbolo do férreo controlo das estruturas caciquistas capitaneadas pelo PP e legitimadas pelo PSOE local. Umha pequena localidade costeira sem postos de trabalho nem perspectivas de futuro sustentável, cujo silêncio e assentimento foi comprado com dinheiro rápido e ajudas que dérom para cobrir certas necessidades e mesmo para que

pessoas próximas do PP comerciassem com elas. A realidade da Mugia de hoje mostra-nos um povo com medo, que cala perante as injustiças, como as controversas construções irregulares em frente a duas igrejas românicas, a requalificação de amplos terrenos para moradias que ninguém sabe quem ocupará, ou os claros exemplos de nepotismo e abuso de poder.

C. BARROS / O Plano Geral de Ordenação Municipal de Mugia está hoje em processo e tem como beneficiárias pessoas próximas do governo local, abrindo novas zonas urbanizáveis para a construção de casas de luxo e moradias geminadas. Enquanto as vizinhas e os vizinhos desconhecem quem irá ocupar estas vivendas, os cunhados e um sobrinho de Alberto Blanco, presidente da Câmara, subérom com antecedência onde comprar os terrenos que estão agora para ser requalificados. Também entram no pacote urbanizável espaços dos Montes de Chorente, sob protecção paisagística, a maior parte deles propriedade de Ramón García, companheiro sentimental da vereadora da Cultura. Só neste espaço serão construídas 200 habitações em 230.000 m², para além das 740 previstas noutras quatro zonas requalificadas, principalmente em Enfesto. Intui-se que umha parte dos destinatários destas novas construções estão vinculados ao crescente negócio do narcotráfico na zona, assunto que tem saltado em várias ocasiões às páginas dos diários.

Enquanto numerosos camponeses não têm problemas para a construção de estábulos ou fossas sépticas, outras pessoas gozam de via livre para edificarem onde for preciso, como a



Frente à fachada da igreja românica de Leis, José Bello Bello levantou um galpão (à direita na fotografia) coroado por um tecto de uralita que supera em mais de um metro o muro que linda com o caminho que separa a obra da igreja.

Está prevista a construção de 940 vivendas em cinco zonas requalificadas, das que se beneficiarão 'sócios' do PP

irmã de Alberto Blanco, que está a construir umha vivenda numha intersecção entre dous caminhos, ficando estes bloqueados. Apesar das denúncias formuladas por residentes afectados da zona, a obra continua em execução.

Em frente a igrejas românicas

A igreja da paróquia de Leis foi restaurada numha primeira etapa e atravessa agora a segunda fase de reabilitação por parte da Conselharia da Cultura. O alto valor patrimonial desta igreja

românica do século XII e as despesas da sua reabilitação nom impedírom que José Bello Bello levantasse um galpão em frente à fachada principal, coroado por um tecto de uralita que supera em mais de um metro o muro que linda com o caminho que separa a obra da igreja. A irregularidade foi denunciada por um vizinho do mesmo lugar perante diferentes instituições sem obter até o momento resposta. O Provedor da Justiça (Valedor do Povo) está a analisar o caso,

enquanto Património, que recebeu a primeira queixa no ano 2000, ainda nom empreendeu acções. Os motivos entendem-se ouvindo as declarações de umha profissional que trabalha para este organismo dependente de Cultura, que manifestou, perante um vizinho indignado, que a obra nom podia ter sido realizada, mas que este era um caso no qual "a política anda por aí". E tanto é assim que as sete pessoas vinculadas à casa de José Bello som fiéis votantes do PP, apoio agradecido por parte do governo local. Actualmente a obra está realizada, com fossa de purina incluída, mas tem impedido o seu uso até que se resolvam os litígios pendentes.

Paralelamente, a também igreja românica de Sta. Maria de Mugia tem à sua frente um edifício que conta com rés-do-chão, três andares e aproveitamento sob coberta, para cuja construção bastou a licença municipal. No entanto, a legislação vigente de protecção arquitectónica impede a execução deste tipo de obras sem conhecimento e aprovação por parte de Património.

Do piche às grandes obras

A nova aposta da Junta para Mugia está em grandes construções com beneficiários privilegiados. Está prevista a implantação de um porto desportivo com perto de duzentas amarrações, e ainda um enorme estabelecimento de piscicultura no Cabo Tourinhám, um espaço de alto valor paisagístico que Pescanova comprou por valores que oscilam entre 50 cêntimos e um euro por m², graças à ajuda do Presidente da Câmara, que incitou os vizinhos a colaborar com a empresa. Como relatamos no número 22 desta publicação, Pescanova receberá importantes subsídios para esta construção ao abrigo do Plano Galiza. Ainda que as obras nom começassem, está previsto um espectacular movimento de terras para umha estação de piscicultura que será três vezes maior do que a do Cabo Vilám.

Fazendo negócio com as ajudas do Prestige

O brutal impacto do fuel nesta vila da comarca de Bergantinhos fijo com que as ajudas destinadas às zonas afectadas se centrassem especialmente nela. Os donativos enchêrom Mugia de recursos e alimentos, mesmo de forma desproporcionada. Do excesso chegou o aproveitamento interessado de pessoas que, segundo ratificam vários vizinhos, comprárom a baixo preço produtos procedentes da solidariedade para depois vendê-los. Existe a constância de que desaparecerárom latas de produtos nom pere-

cíveis e material de limpeza, entre outros donativos.

Um caso paradigmático girou à volta de um carregamento importante de presuntos, conhecidos como 'jamons', dos quais umha parte foi parar ao voluntariado, "outra parte para casas amigas e outra repousa num armazém". A gestom das ajudas correspondeu ao governo local, enquanto que Tragsa era a encarregada de vigiar os galpões onde se guardavam os donativos.

Tragsa é também acusada de falsear dados documentais em

relação às obras realizadas, como a apresentação de relatórios pola abertura de pistas quilométricas que nom superaram alguns centos de metros. Esta empresa da Junta centralizou as contratações de emergência em Mugia, junto à Protecção Civil, e os postos de trabalho fôrom cobertos por pessoas 'de confiança'. Também os alugueres de locais fôrom realizados em imóveis de pessoas próximas do Partido Popular.

As coplas do Entruido de Mugia nom fôrom indiferentes à

corrupção, acusando directamente o governo local. Diziam: 'Ao cabo de poucos dias / já se começou a notar / como você e os seus vassallos / começavam a engordar', 'O destino de alguns quartos / é mui difícil sabê-lo, como tampouco se soubo / dos da ONG de Castelo', 'O que negociou comigo / foi um da corporação / e bem carregado de azeite / de vinho e algum 'jamom', 'Contou-me que ainda tinham / muitos produtos guardados / para pagar nas eleições / os votos hipotecados'.

REPORTAGEM

A coordenação dos locais sociais galegos começa a dar os primeiros passos

UNINDO ESFORÇOS POR UMHA GALIZA MELHOR

Há seis anos, nascia na Terra de Trás-Ancos a Fundação Artábria em defesa da língua. Umha iniciativa que dava um espaço físico a um colectivo que vinha trabalhando pola promoção do idioma e a cultura nacionais desde muito tempo atrás. Artábria foi, sem dúvida, o primeiro passo dado por um movimen-

to que enraíza no País com a criação nas cidades galegas de centros e locais sociais. Há catorze anos, em Compostela, começava a funcionar a primeira Casa Encantada, depois, e também produto, de outras ocupaçõs. A Casa Encantada foi e é um exemplo de autogestom, açom e convívio.

Duas experiéncias diferentes e necessárias dentro do modelo de centros sociais autogeridos, aos quais se unem nos últimos anos outras iniciativas nas cidades galegas, que agora procuram um nexo através de umha coordenadora de centros sociais. Encontrar a açom local com visom de País é o objectivo da futura rede.



No próximo dia 25 de Julho apresentará-se oficialmente a Rede de Centros Sociais da Galiza. Na fotografia, imagem de umha reunião da Coordenadora.



A Revolta conseguiu implicar 150 pessoas em Vigo. Na foto, acto de homenagem a Suso Vaamonde.

MARTA SALGUEIRO / Se tudo caminhar como está previsto, no próximo dia 25 de Julho apresentará-se oficialmente a Rede de Centros Sociais da Galiza. De momento, a Coordenadora promotora desta iniciativa está conformada pola Fundação Artábria em Ferrol, Atrou na Corunha, a Revolta em Vigo, a Reviravolta de Ponte Vedra, a Esmorga da comarca de Ourense, Alto Minho em Lugo e a Gentilha do Pichel e a Casa Encantada em Compostela. Participam também da configuração desta comissom a Deriva na Corunha e o colectivo Treme a Terra. Como prova

do muito que já significam para o País os locais sociais começarám por promover a celebraçom do Dia das Letras, junto com o MDL, a Agal, a Sociedade Cultural e Desportiva do Condado e Galeguiza, centrandose no Plano de Normalizaçom Lingüística. Os objectivos desta coordenaçom em que todos os locais sociais consultados confiam, centram-se na defesa da língua, no apoio mutuo, na optimizaçom de recursos e na troca de experiéncias que enriquecerám o tecido associativo e social galego em busca de umha Galiza melhor.

FUNDAÇOM ARTÁBRIA

Celebrava no passado mês de Setembro o sexto aniversário da primeira iniciativa de local social autogerido em defesa da língua. Veu a dar espaço físico a umha associaçom polo idioma com anos de trabalho às suas costas. Têmem a nova sede no bairro de Esteiro. A experiéncia

de Artábria serviu de referência para os locais sociais que se criárom depois.

Há três anos que realizam o Festival da Terra e da Língua para contribuir para a abertura de novos espaços alternativos à globalizaçom neo-liberal, à guerra e ao imperialismo.

Para além dos habituais cur-

sos e obradoiros ministrados em Artábria, figura dentro da sua programaçom de actividades a participaçom no Roteiro Histórico no Monte Róis nos dias 14 e 15 de Maio. Para o dia das Letras, a 17 de Maio, Artábria promove umha concentraçom na Praça de Rosália "Na defesa da Nossa Língua".

A REVOLTA

Há dous anos nascia em Vigo um projecto que conseguiu implicar 150 pessoas. Recolhêrom a experiéncia de Artábria. Era umha necessidade que na comarca de Vigo existisse um lugar físico que aglutinasse diferentes colectivos e pessoas. Depois de

dous anos, a avaliaçom que fam é muito positiva. A Revolta, para além de oferecer um espaço para a cultura, a língua e o lazer, trabalhou para recuperar umha figura do Entruido viguês que já estava perdida, ou realizou actos comemorativos da figura de Suso Vaamonde, como

umha homenagem e umha inauguraçom simbólica da Rua Suso Vaamonde em Alcabre. O projecto da Revolta aposta na criaçom de novos espaços monolíngües em galego que potencializem e dinamizem a nossa cultura, mantendo sempre um ideário crítico e progressista.





Primeiro em ocupação, e agora na rua Bentanços, a Casa Encantada mantém o carácter aberto, participativo e de acção social que a caracterizou nos seus muitos anos de trabalho.



O passado mês de Setembro, Artábria celebrava o sexto aniversário da primeira iniciativa de local social autogerido em defesa da língua.



Os locais sociais contam com bibliotecas e videotecas, espaços para o lazer, a criação cultural e a intervenção social a partir da autogestom.

A GENTALHA DO PICHEL

O local que a associação a Gentilha do Pichel está a construir em Compostela já se conhece, a brincar, como a "Cidade da Cultura" dos centros sociais. Obras para um local onde trabalharão, entre outros colectivos, Burla Negra, o Cineclub de Compostela e a própria associação promotora do centro social.

No mês passado realizou-se umha jornada de "portas abertas" na qual pudemos ver o estado de umhas obras que vam polo bom caminho e que sem dúvida tornarão este centro em referente compostelano. Para além dos espaços para colectivos, conta com zonas comuns como auditório, biblioteca, sala de reuniões e salom social.

Os objectivos dos locais sociais partem da defesa da língua, do apoio mutuo, da optimização de recursos e da troca de experiências que enriquecerão o tecido associativo e social galego.

Os locais sociais começarão por promover a celebração do Dia das Letras, junto com outros colectivos de base.

A REVIRA

Abria as portas a 5 de Dezembro de 2003 em Ponte Vedra. Com os princípios fundacionais da defesa da língua, a cultura e os direitos históricos da Galiza, A Revira converteu-se já num lugar referencial na cidade criando umha dinâmica muito positiva de trabalho e união entre colectivos sociais e pessoas. Estão já a preparar a Festa

da Língua, como todos os anos, por ocasião da qual realizarão um concerto que traspasará as paredes do local social para chegar até a Praça da Verdura. No dia 17 de Maio, de manhã, realizarão, como todos os anos, umha festa em que haverá de tudo: títeres, conta-contos, música... A Reviravolta oferece todos os meses um amplo programa de actividades.

CASA ENCANTADA

Exemplo de local autogerido em Compostela desde há 14 anos.

Primeiro em ocupação, e, na última temporada, depois dos despejos, encontra-se na rua Bentanços. A Casa Encantada

mantém o carácter aberto, participativo e de acção social que a caracterizou nos seus muitos anos de trabalho, sendo o abrigo de muitos colectivos que encontraram nela um lugar de acolhimento.

ALTO MINHO

Em Lugo, este local social retomava a actividade contínua com espaço físico a partir do mês de Setembro de 2004, algo que nom quer dizer que durante o tempo em que estivo fechado a associação deixasse de realizar o seu trabalho em prol da língua e cultura nacionais. Como projecto de Centro Social parte da iniciativa desinteressada de pessoas de amplo espectro social que decide constituir em Fevereiro do ano

2001 umha organização encaminhada a dinamizar a cultura em Lugo e comarca.

Tivo Alto Minho nestes últimos meses umha actividade contínua. Festa pola Selecção galega, jornadas da classe trabalhadora ou palestras sobre a constituição europeia que acolherom numeroso publico. O 25 de Abril será celebrado com umha festa e várias palestras, e já se prepara um intenso programa para a semana das Letras.



Visom geral dos dous tanques já levantados e parte do

A ESMORGA

Nascia o Centro Social em finais do ano 2004, celebrando o fim de ano com a festa do "muito abrigadinho" e dando em Ourense a possibilidade de receber o ano 2005 com um tom de humor. A Esmorga tenta, na cidade das Burgas, aglutinar todas as pessoas que, com diferentes inquietações sociais e culturais, foram ao longo dos anos ficando

sem um lugar de referência onde partilhar experiências. No local realizarão-se em breve umhas jornadas feministas, organizadas polas sócias do centro, palestras e actos comemorativos da Revolução dos Cravos. Tratando-se de Ourense, andam já metidos na preparação da festa dos Maíos, onde nom faltarão as construções nem as tradicionais coplas.



CULTURA

“A cidadania deve tomar a iniciativa para construir um modelo de cidade adaptado às necessidades da maioria”

ALEXANDRE RAMOS / Presidente do colectivo cidadão Anacos da Cidade de Ourense, Miguel Doval há já quinze anos que está a trabalhar no enfraquecido movimento vicinal ourensano, de umha óptica crítica e mobilizadora perante os problemas reais da população afectada em cada bairro da cidade, em contraste com as posições que mantém Limiar, a federação vicinal maioritária,

ligada permanentemente à defesa dos interesses urbanísticos do governo do PP na cidade. A defesa do património histórico-cultural, nomeadamente no caso concreto da velha fábrica de farinhas La Molinera, e a participação activa do colectivo que preside dentro da Plataforma cidadá em defesa das Burgas, som as principais frentes de trabalho que mantém abertas na actualidade.

Como nasceu a associação?

Nasceu no ano 2003, quando um grupo de pessoas que participavam nas associações vicinais existentes na cidade de Ourense, percebemos a necessidade de criar um colectivo vicinal alternativo a Limiar, independente das instituições, crítico e desligado das subvenções com que os poderes locais tentavam calar as vozes discordantes com o seu projecto de cidade. Nestes últimos anos o movimento vicinal nom tem experimentado mudança alguma, convertendo-se numha estrutura incapaz de incidir nos problemas reais das pessoas. A participação social da vizinhança é um instrumento chave para mudar a situação actual.

Que alternativa propondes ao modelo urbanístico do governo municipal?

Nós defendemos um modelo de crescimento ordenado e decidido entre todos os agentes sociais da cidade, respeitoso com o ambiente e as áreas rurais adjacentes. Apostamos no fomento do transporte público e na dotação de serviços públicos dignos em todos os bairros da cidade e paróquias, e pomos como prioridade a solução de graves problemas como o saneamento das águas dos cursos fluviais.

Qual é a vossa proposta de actualização na velha fábrica de farinhas La Molinera?

Conscientes do estado ruinoso em que se encontram os restos desta antiga fábrica e do valor simbólico que tivo para a nossa cidade, a nossa associação tem estado a reclamar através de numerosas propostas e actividades que o velho prédio seja reabilitado e convertido num museu histórico-cultural. O governo municipal quer derrubar todo o prédio para construir, mas devido à pressom exercida temos conse-



Miguel Doval, presidente do colectivo Anacos da Cidade.

guido, em certa medida, umha mudança de postura, que condiciona a reabilitação do prédio ao facto de que a empresa que possui licença para as vivendas financie as despesas da obra.

“Defendemos um modelo de crescimento ordenado e decidido entre todos os agentes sociais da cidade, respeitoso com o ambiente e as áreas rurais adjacentes”.

Como pensas que se deveriam articular as respostas cidadãs?

O estado geral de desmobilização vicinal em que nos encontramos é evidente, e em muitas ocasiões som as próprias associações de cada bairro que contribuem para fomentar esta situação. A cidadania deve tomar a iniciativa na hora de construir um modelo de cidade adaptado às necessidades reais da maioria da população.

O PGOM, por exemplo, deve ser um documento básico que contenha as linhas básicas de desenvolvimento da cidade em harmonia com o seu ambiente, e para isso devem entrar em consenso todos os agentes sociais que trabalham pola melhoria da nossa cidade.

ENTRE LINHAS

Mar adentro, diglosia imperial

XAN GÓMEZ VIÑAS

“NO FILME APENAS SE EMPREGA O GALEGO, NEM SEQUER NA SUA FUNÇÃO FAMILIAR NO MUNDO RURAL, ”

O último filme de Alejandro Amenábar, galardoado no Estado espanhol e na festa dos óscares de Hollywood, insere-se na rotina e convenções da indústria actual do cinema ao mais puro estilo EUA. Hoje em dia, a valia de um filme é directamente proporcional aos rendimentos económicos que dele tiram os gigantes da indústria do cinema. Trata-se da compra e venda de sentimentos, de emoções. Um sorriso, um euro; umha bágoa dous. Daquela, um filme alagado em bágoas terá um valor (económico) incalculável.

Mar adentro defende o direito à eutanásia, certo. Mas, seguindo as normas da comercialidade, cumpre que o espectador se identifique com o protagonista. E nós nom vemos um tetraplégico na reivindicação dos seus direitos legítimos. Vemos o Bardem simulando umha identidade que, sabemos, nom é a sua. Nós podemos pôr-nos na pele de Bardem, mas, faria Amenábar *Mar adentro* com um tetraplégico real no papel de Ramon Sampedro?

Todo *Mar adentro* fica daquela na postal. Um concurso de acenos (que diria o director francês Robert Bresson) e espaventos com umha música condutista que nos dá quando rir, quando chorar. Em lugar de criar com as armas do cinematógrafo, Amenábar fai uso do ecrém como simples meio de reprodução de um plano prévio estudado que nom agride nem um só dos mandamentos do filme comercial.

Para nós, galegos e galegas, *Mar adentro* possui conotações acrescentadas. A representação que tira Amenábar da Galiza nas viagens em helicóptero que realiza o Bardem polo Barbança, temperadas com música de Ana Kiro e moinhos eólicos de Fenosa, é ofensiva, abofé. Mas o suposto bilingüis-

mo do filme reclama a nossa atenção. Um filme, quando ficcional, funciona como abstracção da realidade que representa. Daquela, *Mar adentro* tenta reflectir a normalidade galega no tocante aos usos lingüísticos. Mas no filme apenas se emprega o galego, nem sequer na sua função familiar no mundo rural, ficando o seu uso reduzido a expressões íntimas, involuntárias, inclusive indesejadas (rifas, desqualificações...)

A surpresa cresce — e vira suspeita — se virmos os documentos audiovisuais filmados em vida de Ramon Sampedro (difundidos no programa do segundo canal da TVE ‘Linha 900’). O galego é o idioma único e exclusivo de comunicação entre todos os membros da família de Sampedro, e o comum nas relações vicinais no agro do Barbança.

Mesmo surgem distinções dicotómicas injustificáveis no tratamento lingüístico das personagens de *Mar adentro*. No filme, a cunhada de Ramon, ‘Manuela’, mulher bondosa e aberta emprega o espanhol, enquanto ‘José’, o seu homem, caracterizado como fechado, ignorante e ancorado no agro é o único que fala galego de jeito contínuo.

Esta manipulação da realidade do país nosso alicerçada em tópicos seculares nom é válida se atendermos ao real representado, mas tampouco serve como generalização da situação lingüística galega (1). Nom é preciso ser académico da língua para deduzirmos que umha mulher labrega do Barbança, de uns cinquenta anos (Manuela), fala, ainda hoje, a língua da Galiza.

(1) Sobre os usos lingüísticos de *Mar adentro*: “Linguas de mar adentro: Universalidade e hierarquias lingüísticas” de Celso Alvarez Cáccamo, em <http://www.udc.es/depl/lx/cac/escritos/maradentro.htm>

NOVAS FOLHAS

O País na janela, à venda em Maio

Recolhe os melhores artigos e reportagens da primeira etapa do NOVAS DA GALIZA. Inclui um CD-Rom com todos os números em PDF.

ALONSO VIDAL / O periódico Novas da Galiza cumpriu três anos. Umha nova e esperançosa etapa começou a percorrer-se no número anterior. Novo desenho -muito bem acolhido por leitores e leitoras-, mais páginas, melhor qualidade e mais compromisso e independência. Sempre de umha perspectiva crítica com a realidade social, política e económica no nosso país. Somos conscientes da necessidade de melhorarmos muitos aspectos, alguns deles de nom pouca importância, mas o novo sendeiro está desbravado.

Coincidindo com este avanço significativo do projecto das Novas, *A Fenda Editora*, vinculada ao jornal, tira à rua neste mês de Maio umha publicação que recolhe alguns dos melhores artigos de opinião e reportagens da primeira etapa. Um livro que quer ser testemunha da homenagem ao labor de muitas pessoas que acreditaram desde logo no início na aventura informativa alternativa e urgente. Colaboradores, articulistas novos, veteranos prestigiosos no campo da informação e escritores, figérom com que em cada número as NGZ lograssem apresentar umha visom diferente da desenhada em empresas mediáticas dirigidas por poderes fácticos e interesses partidistas.

O País na Janela -esse é o título do livro- recolhe as opiniões que na altura fôrom publicadas de pessoas tam comprometidas como



Capa do livro *O País na janela*.

Santiago Alba, Xosé Estévez, Marcial Gondar, Daniel Salgado, Claudio Lopez Garrido, Carlos Taibo, Ignacio Ramonet, Carlos Quiroga, Kiko Neves, X. Carlos Ánsia, Marco Valcárcel, J.M. Aldea, Ramon Chao, Bieito Rubido, Rafa Villar... entre outros e outras muitas, tocando aspectos relacionados com a actualidade do momento. Assuntos como o do Prestige, a globalização, o ambientalismo, a questom de género, o conflito lingüístico, a discriminação do colectivo homossexual, estudos sobre o império Inditex, reflexons sobre música galega, Nunca Mais, a Banda desenhada na Galiza, os cárceres ou a exploração indiscriminada dos rios... tenhem cabimento, ao lado de análises sobre personalidades da vida cultural galega desaparecidas nestes três anos, como Borobó, Manuel Maria ou Ricardo Flores. As experiências

vividas noutros lugares recolhem-se também na luz de espelhos possíveis onde nos podemos ver reflectidos: Palestina, Timor, o 25 de Abril; sem esquecer as palavras pedidas em forma de entrevistas que nos deixaram Manu Chao, Michel Collon, Estraviz...

Mais de cinquenta artigos, reportagens e entrevistas seleccionadas para ofrecê-las aos leitores neste volume de 220 páginas e 27 ilustraçons correspondentes às capas de todos os números da primeira etapa. Inclui, além disso, um CD-ROM com a totalidade dos números do Jornal em PDF. Para completar esta oferta, a equipa das Novas contactou com prestigiosos nomes do campo da cultura comprometida com o País para solicitar-lhes umha colaboraçom especial para *O País na Janela*. Assim, pode-se encontrar especialmente para este volume, opiniões de Carme Adán, Camilo Nogueira, Celso A. Cáccamo, Bernardo Penabade, Luca de Tena, Maurício Castro, Miguel Garcia, Raquel Miragaia, Santiago Alba, X Antón Dobao e Rui Pereira tratando diversos temas actuais, como meios de comunicaçom, língua, globalização e ambientalismo...

Enfim, um intenso trabalho de compilaçom, seleccom, e análise que ofrecido aos leitores e leitoras por apenas 12 euros. Que a acolhida seja tam favorável como está a ser a nova etapa das NOVAS DA GALIZA.

NOVAS CONFIDÊNCIAS

Histórias infames do caciquismo

ALVARIOS / Há anos, umha pintada nas paredes de Lugo apreçoava um lema significativo da vida democrática da vila. "Em Lugo todos os gatos som Pardos", referenciando a omnipresença do presidente da Deputaçom, Francisco Cacharro Pardo. O certo é que este inspector de educaçom, nascido em Guarramom (e podolhes assegurar que o nome nom é brincadeira), converteu-se na imagem tópica do caciquismo na Galiza.

Nom há em Lugo nenhum negócio de benefícios destacáveis (legal ou ilegal) que os boatos cidadãos nom achem ao amigo Cacharro. De canteiras a negócios do tijolo, e até 'casas de citas' som atribuídas polos boatos à mao do Presidente. De facto, já se dêrom casos de manifestaçons em que as pessoas, por nom acabarem diante da Câmara Municipal ou da Subdelegaçom, ao entenderem que estas instituições eram figuras decorativas, se encaminhavam à Deputaçom para fazerem das suas reivindicaçons algo real.

Numha ocasiom em que os vizinhos protestavam por algum pagamento, perguntei-lhes porque nom haviam de acabar na Câmara, como estava previsto, e a resposta foi clarinha: "Total, esses nom tenhem um cam, vimos aqui que é onde se dam os cartinhos".

Outra muito badalada foi aquela em que transcenderam publicamente umhas facturas culturais da Instituioem. Quer dizer, culturais depende; porque pagar uns 2 milhons de pesetas por uns lacons com grelos pareceu abusivo a muitas pessoas. E meio milhom por batatas cozidas também nom é 'moquinho de pavo'. Bom, pois finalmente a Deputaçom desviou vinte milhons numha festa gastronómica e a cousinha nom tem desperdício, porque homem, nós queremos a terrinha e os seus produtos, mas tanto pesinho por umhas batatas e por vinho é demais. A gente há sete anos, ficou divertida quando a algum comerciante assidado lhe deu por abrir umha loja de tudo a 1 euro diante da Deputaçom. Total, que ao nosso amigo negociante, nom lhe ocorre nada mais que pôr na montra um anúncio clarinho que dizia "Vendo Cacharrinhos a 100 pesetas".

Doutra desaparecem quinhentos milhons, e nada, a oposioem (inocente) apresenta umha série de protestos. Chacharro respondeu que a Deputaçom fornecia o presidente dessa quantidade anual para distribuí-la a dedo. Nom é interpretaçom maligna. 'A dedo' foi a frase que publicárom os jornais como clímax apoteótico. A dedo, a dedo, a dedo, repete-se na mente dos cidadãos dia após dia.

ARROZ COM CHÍCHAROS

Salada de abobrinha e tomate

MIGUEL BURROS / **Ingredientes (6 pessoas):** 4 colheres (de chá) de azeite. 2 cebolas grandes. 1 quilo de abobrinhas (cabinhas). 1 quilo de tomates. 4 dentes de alho. 4 colheres (de chá) de cominho moído. 120ml. Vinagre de Módnha. Sal e pimenta.

Picam-se as cebolas e levam-se ao azeite sobre um lume lento até estarem douradas. Entretanto picam-se os alhos e apartam-se.

Partem-se em bocadinhos os tomates e cortam-se as abobrinhas em meias-luas. Quando as cebolas estiverem douradas, adiciona-se o alho e o cominho.

Cozem-se durante 30 segundos e acrescentam-se os demais ingredientes. Cozem-se até que a abobrinha esteja muito tenra.

Salgar e apimentar. Serve-se fria.

TABELA DE LIVROS

A estrela na palabra. Novas conversas con Xosé Manuel Beiras
Francisco Pillado e Miguel Anxo Fernan-Vello
Laivento-Espiral Maior

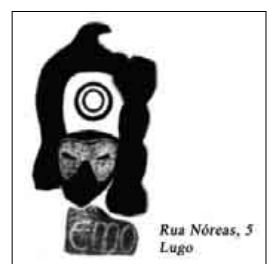
Era na Selva de Esm
Xosé Luis Mendez Ferrin
Espiral Maior

Portugal, Hoje - O Medo de Existir
José Gil
Relógio D'Água

A Ruína
Fialho de Almeida
Editor: Assírio & Alvim

Escolma de Poesia Berciana en lingua galega
AAVV
Edicións Positivas

Livrarias colaboradoras:
Ler Devagar (Lisboa), Siena (Ponferrada), Torga (Ourense), Sisargas (Corunha), A Palavra Perduda (Compostela)



DESPORTOS

O TRADICIONAL VÍNCULO GALEGO COM O FUTEBOL NEM DERIVA NUMHA MAIOR POTÊNCIA DESPORTIVA DO PAÍS

Que acontece com a 'canteira'?

REDACÇOM / O recente auge das equipas galegas nom se tem verificado em nenhum avanço substancial no que diz respeito à promoçom de futebolistas naturais do País e muito menos na implicaçom de jogadores galegos nas equipas autóctones.

Os números falam: a Galiza está inçada de clubes de futebol que, da mais pequena paróquia ao bairro mais populoso, congregam aos fins-de-semana boa parte da vizinhança ao redor do campo e monopolizam centos de conversas. Há um total de 2.188 equipas inscritas na Federação Galega e nem mais nem menos que 28.000 licenças concedidas no futebol de base.

Estes números (que só se correspondem com a Galiza administrativa) contrastam com os futebolistas na elite do desporto rei: só nove galegos jogam na divisom de honra do futebol espanhol, e desses nove muito poucos podem gabar-se de alcançar os níveis de popularidade de um Ronaldinho ou Cañizares.

Fran González ou Michel Salgado som os dous co-nacionais melhor assentes na elite desportiva e, do mesmo modo que Nacho Novo, o ferrolano que se ganhou um lugar de privilégio na taça escocesa, gozam de umha fortuna reservada a muito poucos.

Causas ocultas e pouco analisadas
Qual pode ser a explicaçom? Em primeiro termo, desportiva. Há já mais de dez anos que Fernando Vasques, o galego de Castro Feito que hoje dirige um Celta de Vigo que acaricia a subida de categoria, advertia contra os pés de lama do futebol galego: por muito que se aposte num nível elevadíssimo de Celta, Desportivo e Compos (na altura estreando presença na divisom de ouro), os clubes nom temem interesse real em apoiar os rapazes.

Com efeito, todos lembramos prometedoras figuras daqueles anos hoje relegadas para o retiro, o anonimato ou para postos muito secundários em funçom da sua qualidade: os casos do ex-desportivista Óscar Vales, do sigüeirês Juanito, cuja carreira na primeira divisom



Fran, na fotografia, ou Michel Salgado, hoje no Madrid, som os dous co-nacionais melhor assentes na elite desportiva

asinha se cortara, ou das expectativas que defraudara o boirês Changui desde a sua partida para o Desportivo.

Rafa Sáez, sucedido treinador do Celta B, augura um futuro 'canteirano' para a primeira equipa da cidade olívica, algo em que podemos acreditar se continuar a linha que hoje reina em Balaídos. Porém, nom é esta a filosofia predominante. A Galiza carece de umha escola de futebol, pública ou privada, que canalize as sinergias que venhem da base; e ainda que a ideia foi sugerida em várias ocasiões, o poder político nunca decidiu atendê-la.

Num sector económico alimentado de grandes cabeçalhos e amplificador de auto-complexos colectivos já crónicos, os grandes nomes do mercado internacional podem mais do que a vontade paciente da formaçom de umha canteira ou o desejo de promoçom dos futebolistas da Terra: veja-se o caso

Carecemos de umha escola, pública ou privada, que canalize as sinergias que venhem da base; e ainda que a ideia foi sugerida em várias ocasiões, o poder político nunca decidiu atendê-la

O empresariado que representam Lendoiro, Silveira ou Gómez tem umha fidelidade: o Partido Popular. Nenhum concebe o futebol como um recurso nacionalizador.

O empresariado que representam Lendoiro, Silveira ou Gómez tem, sem mais matizes, umha fidelidade: o Partido Popular.

de Paulo Coira, hoje no Recreativo de Huelva, a Manuel Castinheiras e Corredoira, no Eibar, ou Roberto Losada, no Valhadolid.

A política está presente
Nom podemos esquecer neste ponto que no futebol convergem também motivaçom políticas. E que estas, na Galiza, apontam na direçom do poder hegemónico.

O empresariado que representam Lendoiro, Silveira ou Gómez tem, sem mais matizes, umha fidelidade: o Partido Popular. No nosso país nenhum sector das elites directivas concebe o futebol como um recurso nacionalizador nem um gerador de orgulho colectivo.

Antes, um acendido localismo provinciano dirige as actuaçom e negócios deste empresariado motivado por acumular fortunas e subir postos nos organigramas da direita espanhola. Foram muito badaladas aquelas declaraçom de Horácio Gómez, presidente do Celta, que vincavam a necessidade de que a

equipa da cidade arrastasse o apoio de Vigo e a sua área de influência, descartando à partida qualquer incidência no âmbito galego.

Julio Meana, presidente da Federação, preside umha entidade que tem muito pouco a dizer sobre estas e outras questom: a que cala quando todos os Natais se organizam jogos de todas as seleçom autonómicas excepto a galega, ou a que mantém um fantasmagórico sítio web quase sem actualizar e exclusivamente escrito em espanhol.

E, porém, como acontece tantas vezes, a gente comum vai à frente dos dirigentes. Desde que as últimas bandeiras espanholas foram desterradas de Riaçor pola torcida galega no final da década de 80, as partes mais vivas das bancadas do nosso país contestam a dinâmica rançosa das tribunas, exibem simbologia nacional e reivindicam seleçom próprias. Quique, dos Siareiros Galegos, lembra como toda a iniciativa neste sentido partiu do voluntarismo das penhas e se organizou sem receber um peso de nenhuma directiva: 'concertos pola seleçom, apoios de intelectuais e desportistas, ediçom da camisola da Galiza... foi um trabalho plenamente militante que nos diz como está a cousa no futebol deste país e de quem podemos aguardar ajuda real', manifesta.

Da última paróquia do País à cidade mais dinâmica, a Galiza tem futebol. Os 'fundos' enchem-se aos Domingos em Ponte Vedra, Ferrol ou Ourense, e com certeza em Vigo e na Corunha, com bandeiras galegas e simbologia independente, e ninguém logrou apagar da memória a potente assobiada que milhares de galegos e galegos dedicárom ao hino espanhol quando o Desportivo ganhou a Taça do Rei em Madrid naquele Verão de 1995. O tradicional vínculo galego com o futebol nom deriva numha maior potência desportiva do País

A frustraçom de um evidente potencial desportivo e a falta de interesse por favorecer a canteira aponta à responsabilidade dos de sempre. Ainda aguardamos por títulos realmente ganhos polos nossos e apoiados no esforço de canteiras que é imprescindível atender.



| SANTIAGO ALBA RICO | FILÓSOFO |

“O papel do intelectual mingua fronte ao daqueles e aquelas que luitam de verdade”

ANTOM SANTOS / Presente em numerosos fóruns da esquerda e colaborador assíduo de projectos mediáticos e políticos impulsionados nas nações da periferia, o filósofo Santiago Alba está-se a revelar como um dos escritores mais incisivos quanto à denúncia da desordem mundial vigente. Complementa lucidez na escrita com clareza na conversa para atacar um capitalismo 'que o devora tudo'. Fai um chamamento à esquerda para utilizar a imaginação e recuperar o sentido da linguagem a linguagem. Desconfia dos intelectuais e reclama as pessoas do comum para construírem algo diferente.

- Ao contrário de muitos e muitas intelectuais de esquerda, nom centras tanto a tua denúncia do capitalismo nos dados quantificáveis como nos seus efeitos 'nihilistas' na percepção e na linguagem.

- Sobretudo a partir do 11-S, doume conta de que este sistema, aliçado na imagem-mercadoria, tem como suporte umha contemplação insensível na qual tudo pode ser visto, porque todo o real é considerado ficção, como aconteceu posteriormente com a transmissão televisiva dos bombardeamentos de Bagdad. Além disto que chamo 'nihilismo do olhar', a permanente destruição propagandística da linguagem por parte do poder acaba por fazer quase impossível a transmissão de verdades com efeito real.

- Significas-te por 'rebaixares' o papel dos intelectuais.

- Os intelectuais significáron-se historicamente polo seu servilismo aos diferentes poderes e hoje o capitalismo que os mantém vende-os falsamente como guias do livre pensamento. Mesmo em momentos históricos transcendentes, a imensa maioria dos pensadores esquerdistas escondeu-se ou alinhou com o poder, como aconteceu durante a Comuna de Paris.

- Mas nom vos corresponde um papel de primeira ordem na elaboração de paradigmas sócio-políticos alternativos?

- Acho que nom. Os novos paradigmas sócio-políticos, como a Venezuela está a

demonstrar, constroem-se desde baixo e com a participação democrática directa. Os intelectuais podemos, no máximo, supervisar o produto final e assinalar contradições ou fendas. Pessoalmente, até rejeito o termo 'intelectual' e prefiro definir-me como 'agitador literário-propagandístico'.

- Como se contempla, estando no 'centro', a reivindicação nacional da periferia?

- Estabelecendo as necessárias distinções, apoiando activamente. Face ao 'nacionalismo universalista' de Kagan e Bush cumpre um nacionalismo que parta do território próprio e desmonte o mito do êxodo e o cosmopolitismo que seduz certa esquerda, sempre com orientação de classe e fugindo da ideia errada do choque de civilizações ou de culturas. Com Eagleton, penso que só há um problema maior do que ter umha identidade: nom ter nenhuma.

- Chega que a esquerda ocidental denuncie a violência imperialista ou teria que ir

além disso e pronunciar-se sobre a legitimidade de violências defensivas?

- Temos recuado até posições inconcebíveis há só três décadas, quando estava claríssima a legitimidade da defesa face às agressões. O tabu e a perseguição jurídica tenham-nos feito calar até abriremos umha fenda que nos afasta da esquerda nom ocidental, que nos contempla com justa desconfiança.

Está na hora de passar do 'nom à guerra' ao 'sim à resistência' se queremos tapar as gretas e construirmos um anti-imperialismo realmente internacionalista.

- O que é que falta à esquerda dos nossos dias?

- Entre outras cousas, nota-se a falta de rigor terminológico e certa austeridade na linguagem, porque esta costuma imitar a inflamação inútil da propaganda. E muita imaginação para ser, como nos tempos da revolução russa, realmente criativa e vanguardista.

P.C.T.G.

KIKO NEVES

Morreu o Papa. Em vias de se converter em "Santo súbito", um outro fantasma percorre o mundo inteiro. A Galiza nom há de ficar isolada; situa-se desde já à cabeça da queda dos movimentos paranormais. Leio no jornal El País (09.04.2005) que no jantar oferecido à comitiva espanhola na Embaixada de Roma o Borbom se posicionou em prol de Paco Vázquez como futuro Papa. Verdíco. Chegam sons da Apocalipse. As vagas de frio nem se achegam ao nosso país. Havemos de ser os eleitos. O próprio Manuel Fraga Iribarne sabe algo; é vizinho do Rouco, outro papável, actualmente em conexom directa com o Espírito Santo. Com o corpo ainda quente do polaco (de Cracóvia, lembremos, a capital da outra Galiza), o nosso Presidente tomou folgos ardentistas e convertido em upegalho da linha proletária chamou ladrões aos do governo de Madrid. Galiza Ceive, Partido Popular. Já nom é retransa: é a revolução através de autos de fé. Se calhar nom som tempos de apostasia. O futuro do País passa pola política do cilício. Martirizemo-nos todos na luta final.

Deito umha ideia para recebermos bem as mudanças que venhem, para nos adiantarmos ao futuro. O Doutor Michael First, da Universidade de Columbia (Nova Iorque), vem de adiantar à imprensa as suas investigações sobre o Transtorno de Identidade da Integridade Corporal. Os pacientes que sofrem esta doença psicológica autolesionam-se para conseguirem amputações cirúrgicas. Som gente normal, sá, mas precisam da amputação das pernas, um falar, para curarem o seu transtorno.

Pois isso, umha ideia de fundo calado político. Cortar polo sao. Entretanto, sopeso o meu apoio ao Partido Consumista de Terras Gauda.